

SEIVA

MENSÁRIO DE CULTURA NACIONAL E POPULAR

NOVEMBRO — 1950

N.º 1 — ANO VI



«O OCEANO DO POVO
SE ENCAPELA»

\$3,00

Anos atrás, em dezembro de 1938, dentro da noite do Estado Novo, ditadura sul-americana que copiava o fascismo europeu, lutando contra ela e acompanhando os democratas inconformados com a situação política do país, editava-se na Bahia uma revista de intelectuais progressistas, que se constituiu, então, uma das mais legítimas trincheiras do movimento anti-fascista nacional. Em SEIVA — era o seu nome — colaboraram as maiores expressões da cultura bahiana. Nas suas páginas, refletiam-se, com seriedade e lucidez, desde os problemas econômicos aos problemas artísticos. E era nelas que o povo de nossa terra encontrava, naquela época, a palavra de certeza e de confiança, inclusive no dramático período de 1942, em que, pressionado pelas massas, o governo Vargas terminou por declarar guerra ao Eixo fascista.

É essa tradição de luta, por tanto tempo interrompida, que agora retomamos. Decerto que as condições históricas são outras, e que, portanto, a revista de hoje não pode ser igual à de ontem. Hoje, o mundo está dividido em dois campos — o campo da paz, anti-imperialista, e o campo da guerra, imperialista. Em torno desta divisão giram todas as coisas, e não é possível qualquer neutralidade, qualquer alheamento ante essa realidade. É a Paz ou a Guerra, eis a questão! E se do lado imperialista, no lado da guerra, existe cada dia maior desespero, e uma corrida dos donos da bomba atômica para o desencadeamento de nova hecatombe, do outro lado, crescem e se fortalecem os exércitos dos partidários da Paz, a formidável força mundial que detém o dedo dos imperialistas no disparador da guerra. SEIVA coloca-se no campo da Paz, e combate o campo guerreiro.

Deste modo, cumpre, também, fielmente, a Declaração de Princípios do III Congresso Brasileiro de Escritores. E, assim como na defesa da Paz, também no dever de unir os intelectuais ao povo, estendendo às massas a riqueza da cultura, e não se desviando da velha tradição dos homens de pensamento da Bahia, que desde Gregório de Matos, e marcando a sua culminância no gênio de Castro Alves, viveram, como artistas, escritores e sábios, em contacto permanente com os movimentos populares pela Independência, pela Abolição, pela República, certos de que o destino do intelectual é o mesmo destino da humanidade e da Nação.

Na atualidade, só é possível tomar um caminho: o da Paz, da liberdade e do progresso. E este será o caminho de SEIVA.

Compreendemos a relação íntima entre cultura e condições materiais de vida. Não ignoramos que somente quando essas condições se tornarem propícias, será possível a maior democratização da cultura, o seu desenvolvimento e um trabalho criador mais amplo e livre para os artistas, escritores, intelectuais. Mas isto não exclui a necessidade de iniciar, desde logo, uma verdadeira revolução cultural, a criação de uma cultura nacional e popular, realista, oposta a cultura decadente da burguesia, que é cosmopolita, anti-popular e anti-nacional. Igualmente, compreendemos que se não nos orientarmos, de logo, no sentido de estabelecer a Paz entre os povos, garantir uma existência mais digna para os homens, e assegurar a manifestação das idéias progressistas, estaremos traindo a nossa posição histórica e permitindo que os mistificadores da literatura, da arte e da ciência, invadam as fronteiras confiadas à nossa guarda. Isto porque, hoje, mais do que nunca, o valor essencial a exigir-se do intelectual consiste na firmeza de sua fidelidade aos únicos princípios capazes de trazer o bem-estar e a alegria para os seres humanos, os princípios humanistas pelos quais viveram, escreveram, trabalharam e lutaram um Gorki, um Rolland, um Barbusse, e pelos quais vivem, trabalham e lutam um Jorge Amado, um Portinari, um Pancetti, um Ehrenburg, um Graciliano Ramos, um Joliot Curie. Esses princípios obrigam o combate mais corajoso, mais persistente, mais cotidiano, contra a guerra, que, pela terceira vez neste meio século, os fabricantes de canhões pretendem desencadear, como a saída derradeira, mas inútil, contra a última das grandes crises do capitalismo. Por isso, a causa da Paz é a nossa causa. Tanto quanto a da libertação nacional, liquidação do latifúndio e expulsão do imperialismo do território brasileiro. Tanto quanto a criação de uma cultura popular, de caráter novo, autônomo, que sirva e acompanhe as lutas do povo, oposta, radicalmente oposta, à cultura cosmopolita e decadente da burguesia, que não pode mais representar o pensamento de nacionalidade.

Armados dessas convicções, tudo faremos para que SEIVA, ao ressurgir, em nova fase, seja parte integrante das grandes lutas de libertação nacional, uma tribuna de educação da Frente Democrática de Libertação Nacional, que, sob a inspiração e o comando de Luiz Carlos Prestes, leva o nosso povo para a Democracia Popular. Assim, a vida de SEIVA será a do povo, a de suas lutas e de suas vitórias.

MENSÁRIO DE CULTURA
NACIONAL E POPULAR

Redação: Rua Chile, 8 - 2.º andar

ANO VI — N.º I

Diretor:

Wladimir Guimarães

Redator-Chefe:

Luis Henrique Dias Tavares

Secretário:

Clovis Moura

Redatores: Walter da Silveira, James Amado, Ramacrishna Bagavan dos Santos, Heron de Alencar, João Palma Netto, Jacinta Passos Amado, Quintino de Carvalho, Ariovaldo Matos, José Gorender e Cláudio Tuiuti Tavares.

Colaboradores: Jorge Amado, José Eduardo Fernandes, Adroaldo Ribeiro Costa, Aluizio Medeiros, Acácio Ferreira, Jacob Gorender, Dalcídio Jurandir, Moacir Werneck Sodré, Pedro Motta Lima, Alvaro Moreyra, Graciliano Ramos, Alina Paim, E. Carrera Guerra, Floriano Gonçalves, Sósígenes Costa, Ruy Facó, Aloisio Sampaio, João Batista de Lima e Silva, Paulo Dantas, Eusínio Lavigne, Paulo Cavalcanti, Adalmir da Cunha Miranda, Wilson Rocha, Camilo de Jesus Lima, Silvio Valente, Vasconcelos Maia, Paulo Tavares, José Sampaio e Laura Austregésilo.

Ilustradores: José Pancetti, Cravo Junior, Carlos Scliar, Percy Deane, Jorge Brandão, Paulo Werneck e Abelardo da Hora.

Distribuidora para o Estado: Livraria Popular, praça Municipal, 2.

Fotografia da capa: Pinheiros

NA REVOLUÇÃO DE OUTUBRO

ENCONTRO A INSPIRAÇÃO DE MINHA OBRA

PRAGA, outubro — A Grande Revolução de Outubro, ao libertar o homem das cadeias da exploração, libertou também a cultura. Quando Lenin e Stalin, à frente do Partido Bolchevique, trouxeram nas suas mãos creadoras a aurora de um tempo novo e feliz para a humanidade, nos dias de outubro de 1917, as pesadas cadeias, que escravizavam a cultura e limitavam a obra creadora dos escritores, se romperam. Novas e imensas perspectivas se abriram ante os poetas e romancistas, os contistas e ensaistas. A Revolução de outubro ao fazer dos operários os donos de suas fábricas e dos camponeses os donos das terras por eles trabalhadas, fez também do escritor o verdadeiro dono da sua pena ou da sua máquina de escrever. A Revolução de Outubro atingiu a todos os homens sem exceção, modificou todos os destinos, e sua influência sobre a marcha da literatura do nosso tempo é definitiva e primordial.

Só o proletariado pode dar à cultura sua completa universalidade, só a classe operária pode dar aos escritores uma audiência total. A burguesia agonizante, cadáver apodrecendo na terra, não pode considerar a cultura senão como sua inimiga. Mais do que nunca, após a Revolução



isso mesmo reduzidos antes a um pequeno público, foram universalizados pelo proletariado cuja concepção internacionalista abre para as culturas nacionais de todos os povos as fronteiras do uni-

poetas, mais intimistas, mesmo esses, condicionam sua obra à Revolução de Outubro. Os diversos «ismos», todos os aspectos do formalismo literário surgido após a primeira grande guerra mundial, respondem ao desejo da burguesia decadente de lutar contra a Revolução de Outubro. Os escritores reacionários, os que colocaram sua pena a serviço do imperialismo, da guerra, da escravidão e da morte do homem, condicionam sua obra a sua vil necessidade de ser contra a Revolução de Outubro, de se opôr à sua luz solar, de fechar a magnífica estrada por ela aberta. E disso decorre, igualmente, a mediocridade, a miséria, a debilidade fundamental dessa literatura dita «arte pela arte», em realidade uma literatura paga pelos senhores do dinheiro para lutar contra os novos horizontes abertos pela Revolução.

Por outro lado, que pujança literária, que força extraordinária, antes desconhecida na história da literatura, trouxe a Revolução

— J O R G E A M A D O —

de Outubro, a burguesia tenta asfixiar e liquidar a cultura. Tenta fazer da literatura e da arte instrumentos da negação do homem, da corrupção do homem, instrumentos de degradação e de morte. É o proletariado, colocado no poder pela Revolução Soviética, quem toma em suas mãos possantes a literatura, a arte, a ciência e lhes infunde um sopro vital, lhes dá uma força antes desconhecida. Jamais os grandes clássicos, como Shakespeare ou Puskin, como Cervantes ou Dickens, como Balzac ou Hugo, foram tão intensamente lidos e verdadeiramente amados como após a Revolução de Outubro, que colocou a cultura a serviço do povo. Também os escritores de países economicamente atrasados, por

verso. Penso, ao escrever essas linhas, nos escritores, hoje mundialmente célebres, saídos do meio de povos que antes da Revolução de Outubro não possuíam sequer alfabeto escrito. Mas penso também nos escritores de países como os nossos da América Latina, tornados universais pelo proletariado.

Nenhum escritor do nosso tempo pode, sem faltar lamentavelmente à verdade, dizer que a Revolução de Outubro não exerceu uma influência na sua obra de criação. Mesmo aqueles mais distantes dos temas da luta dos povos por uma vida melhor, mesmo aqueles mais trancados numa ridícula torre de cristal, mesmo os romancistas mais desesperadamente psicologistas, mesmo os

OS QUILOMBOS DA COTINGUIBA

ALOISIO SAMPAIO

A história das lutas negras em Sergipe é, ainda, uma história a se contar. Os historiadores das classes dominantes, interessados em sonegar ao povo os exemplos de heroísmo dos espoliados do passado, relegam ao esquecimento as revoltas dos escravos.

A luta dos negros, porém, foi uma luta de séculos. Desde os primeiros tempos do período colonial, até o fim do Império, os negros nunca se deixaram cair no conformismo, e lutaram. Lances heróicos dessa luta ganharam tal importância, que não puderam ser desconhecidos pelos historiadores que contemplam a realidade social através dos óculos embaciados das classes dominantes. Assim é que, embora laconicamente, o sr. Felisbello Freire registrou, em sua «História de Sergipe», a existência de um quilom-

bo em Itapicurú e o ataque dos negros e índios aliados a S. Cristóvão, sede da capitania, em 1763.

A região onde as lutas dos negros assumiram proporções maiores, e se realizaram quase sem solução de continuidade, foi na Cotinguiaba. E era natural. Na Cotinguiaba, dominada pela cultura canavieira, se concentrava a maior parte dos escravos em Sergipe. Ai, os senhores de engenho exploravam terrivelmente os negros, com castigos cruéis que, embora negados ou minorados pelos historiadores das classes dominantes, são testemunhados na sua crueza, não só pela tradição oral, como pelos anúncios de «Escravos Fugidos» e notícias publicadas na imprensa da época.

Os quilombos da Cotinguiaba vinham de tempos remotos. A eles se refe-

riu, em 1873, o Chefe de Polícia da época, Manoel Espinola Júnior, dizendo que «vem de longa época a existência dos quilombos», bem como o presidente da província, Antônio dos Passos Miranda, um ano depois, observando: «Ainda não se pode extinguir os quilombos que, de longa data, são o terror de grande número de proprietários».

Os quilombos da Cotinguiaba, realmente vinham do período colonial. Embora pertinaz e ferozmente perseguidos pelos capitães do mato, jamais puderam ser completamente esmagados. Os ranchos dos quilombos, erguidos no recesso das matas, permaneceram durante toda a história de Sergipe como um terror para os senhores feudais-escravocratas e um de-

(Conclue na pág. 8)

NA REVOLUÇÃO DE OUTUBRO

(Conclusão)

de Outubro no seu bojo. Basta, para o compreender claramente, mirar o espetáculo da literatura soviética atual. Jamais o homem assistiu a um tão extraordinário florescimento das letras e das artes, jamais massas humanas tão consideráveis participaram ativamente na obra de criação literária. Após a Revolução de Outubro, a literatura passou a ser um interesse das grandes camadas da população, deixou de estar escravizada às chamadas elites culturais. Os escritores encontraram, para a criação das suas obras, o apoio de uma classe essencialmente creadora, o apoio do proletariado. Para nós, que escrevemos em função de nossos povos e de nossas pátrias, dos seus problemas e de suas lutas, a Revolução de Outubro foi a grande libertadora. Foi ela quem fez dos escritores «os engenheiros da alma» de que fala Stalin.

Minha obra de escritor tem sido realizada em função da luta do povo brasileiro pela sua libertação nacional, contra o imperialismo americano que nos oprime e escraviza, contra o regime semi-feudal da propriedade da terra, contra os trusts e monopólios, contra os governos servos de Wall Street e seus cúmplices nos planos de guerra; minha obra tem

sido uma repercussão no plano literário dessa luta árdua e generosa. O que ela contém de positivo lhe foi inspirado pelo povo brasileiro e, antes de tudo, pela classe operária brasileira que dirige essa luta. Sou um escritor formado e educado pelo Partido Comunista do Brasil, vanguarda dessa luta, glorioso condutor do meu povo. É o partido que me tem ajudado a superar minhas debilidades, a corrigir os meus erros, a aprofundar meu conhecimento da vida, a libertar-me de todas as limitações capazes de prejudicar minha obra. É o Partido quem vela pelo prosseguimento e pela ampliação da minha obra de escritor; é ele que, em nome da classe operária, me ajuda, aconselha e guia. Isso mostra, de logo, até que ponto a Revolução de Outubro foi um acontecimento essencial para a minha vida de escritor, para a criação da minha obra literária.

Foi ela que rasgou novos caminhos para o proletariado brasileiro. Foi ao som das vitórias do proletariado russo tomando o poder que a classe operária brasileira iniciou, com as grandes greves de 1917, a sua participação na vida política do meu país, e têm sido as conquistas dos povos soviéticos, possibilitadas pela Revolução de Outubro, que lhe permitiram ocupar o posto de di-

reção na luta do meu povo. Dessa participação da classe operária brasileira na vida política nasceu o Partido Comunista do Brasil, filho ele também dos novos tempos começados em 1917, em Leningrado. E eu sou um escritor saído disso tudo, — se busco encontrar as raízes mais profundas da minha obra eu me encontro com a Revolução de Outubro. Dela se alimentaram e se alimentam também os escritores do proletariado, os escritores progressistas. Os escritores que colocaram sua obra a serviço do homem e do seu destino sobre a terra.

Um personagem do romance que escrevo nesse momento, «Os subterrâneos da liberdade», o dirigente operário Victor, afirma, em certo momento, falando sobre a Revolução de Outubro:

— «Nós todos somos filhos da Revolução de 17. Com ela nasceu um mundo novo e sua luz se derramou sobre todo o universo, sobre a natureza e os homens para modificá-los, para engrandecê-los. Mesmo aqueles que jamais ouviram falar nela, os que se encontram no interior perdido das selvas, mesmo sobre esses brilha a sua luz, mesmo essas vidas ela transformou. Depois de 17 o mundo já não é o mesmo, os homens já não são como antes. Os sentimentos adquiriram um novo valor e hoje sabemos o que significa pátria, cultura, liberdade, felicidade, amor, e foi a Revolução de Outubro que nos ensinou».

A LIBERDADE DE CRIAÇÃO ARTÍSTICA

LUIS HENRIQUE DIAS TAVARES

A liberdade de criação artística! — eis o eixo, o ponto, em torno do qual cavilam certos escritores, procurando justificar posições oportunistas e mascarar, em verdade, seu completo servilismo à burguesia. Segundo querem, dentro da sociedade, dividida em classes e sacudida pelas lutas de classes, o artista é um “ser especial, afastado, isolado, cuja arte deve refletir, primeiramente, a “riqueza do seu mundo interior”. Entende-se, neste particular, como “riqueza do mundo interior”, o canto ao abstrato, a evasão da realidade sob todas as formas. Afinal, a atual expressão artística da burguesia. O seu conteúdo é o ceticismo, o desespero, a fuga, as atitudes de todo um mundo decadente e degenerado; o seu caráter comum é o pânico ante a realidade (que é revolucionária) e a negação à transformação da vida, do mundo. Além deste aspecto “espiritual”, também desmascara a hipocrisia burguesa da “liberdade de criação”, a posição do artista, suas relações sociais. Dentro da sociedade de classes, burguesa e mercantil, o escritor, o artista e o trabalhador intelectual, estão em sua dependência. “Senhor escritor, sois livres com relação ao vosso editor burguês? Com relação ao vosso público burguês, que reclama pornografia nos quadros e nas cenas, e ainda prostituição sob a forma de “suplemento” à arte dramática “sagrada”? — indagava Lenin em 1905. Já que em muitos países a sociedade permanece dividida em classes, ainda hoje, 55 anos depois, esta é a pergunta. E pergunta, cuja resposta, esclarecendo que “a liberdade absoluta não é mais que uma frase burguesa” — segue-se de uma conclusão lógica: dentro desta socie-

dade, o artista é livre somente para escolher entre duas classes antagonicas — proletariado ou burguesia.

Prossigamos: que artistas ou escritores têm “liberdade de criação artística”? Jean-Paul Sartre? Os romances de Sartre pintam degenerados, pervertidos sexuais, trapos humanos. Seus livros dão sensação de nojo. A acreditar-se que a humanidade é o que diz, só havia a solução do desaparecimento, em massa, de todo o gênero humano! A “liberdade de criação artística” de Sartre consiste, portanto, em aviltar o ser humano. Será talvez diferente a “liberdade de criação artística” do velho André Gide, que se fez o poeta “da decomposição do homem? Falamos, também, da “liberdade de criação artística” de um religioso praticante, cristão e até mesmo teórico do Vaticano: o sr. François Mauriac. Eis um escritor preocupado com a imortalidade da alma! Seus personagens são comerciantes, pequenos-burgueses que cercam-se de Deus, etc., e têm a preocupação máxima, a razão de viver, no dinheiro. “Tereza Desqueyroux” é uma de suas novelas mais conhecidas, e também das mais características. Tereza, a heroína, casa-se por dinheiro: o marido, Bernardo, possui 2.000 hectares de terra. Ela, porém, não o quer, não o ama. No mundo burguês, a solução é fácil: Tereza Desqueyroux toma um amante, o judeu Azevedo, que vive em Paris. Logo Tereza começa a pensar na liberdade, em ter sua vida, viajar. O marido, ao contrário, não pensa em liberdade. É obstáculo. Também, neste caso, o mundo burguês ensina solução: Tereza resolve envenenar o marido. Bernardo descobre, entretanto, que sua mulher o envenena.

Antes de tudo, teme o escândalo. E seus negócios, sua “família”, as idéias são? Ele próprio torna-se juiz e justiceiro: prende Tereza, corta-lhe toda a liberdade, inclusive a de fumar. Tereza Desqueyroux é condenada à loucura!

Esta é a novela do sr. Mauriac, que há pouco recusou-se a assinar o Apêlo de Estocolmo e manifestou-se favorável à bomba atômica. A “liberdade de criação artística”, para ele, consiste numa fuga mística, a qual não o diferencia, entretanto, dos demais autores burgueses.

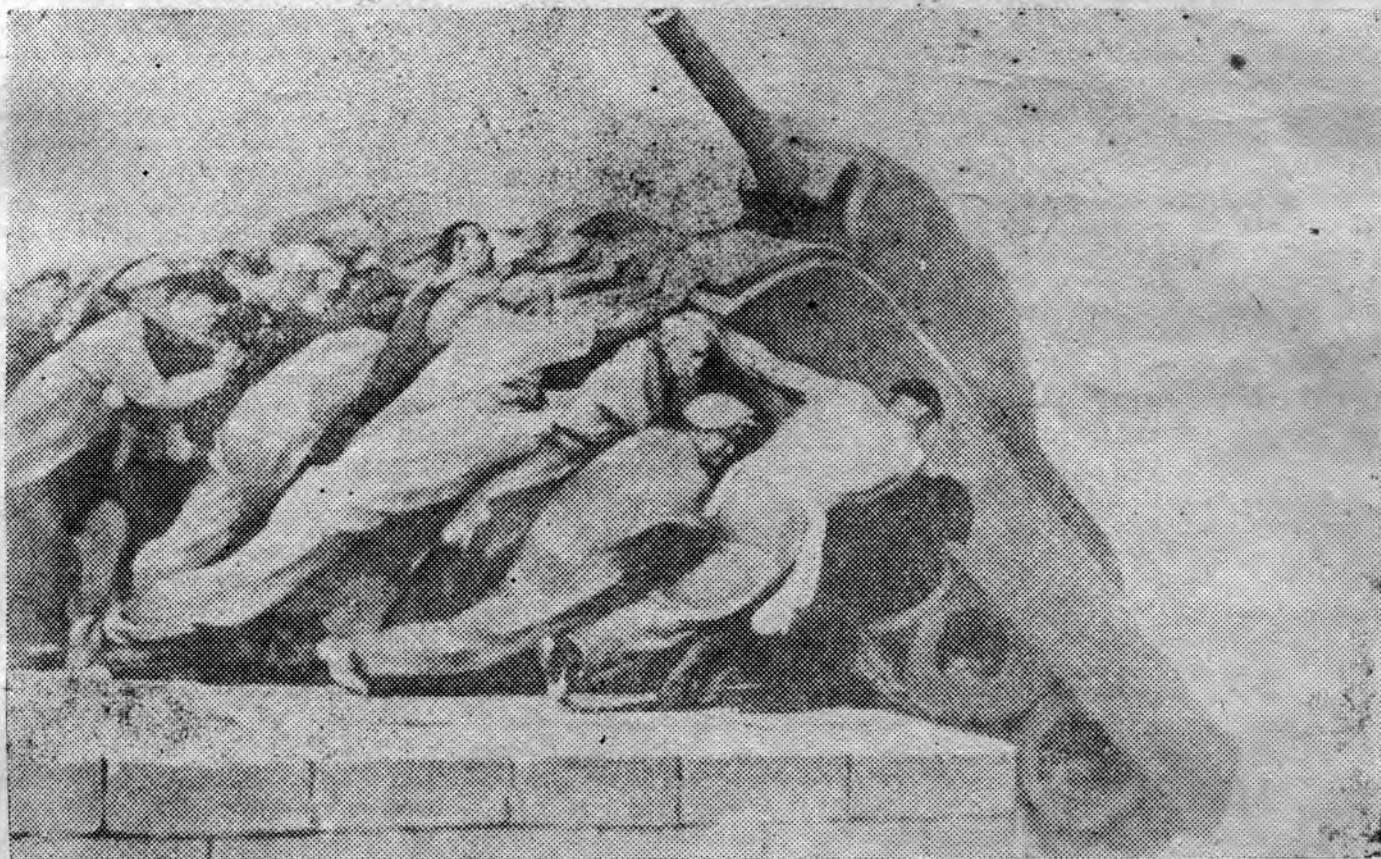
Prossigamos: o poeta Carlos Drumond de Andrade, ao escrever, por exemplo, o soneto “A Tela Contemplada”, cujo último verso diz:

“É a vida um suspiro sem paixão”

Não é o Carlos Drumond de Andrade funcionário do governo feudal-burguês de Dutra e chefe de propaganda do candidato Cristiano? Onde está a “liberdade de criação artística” que hipocritamente proclama? Damos, porém, outro exemplo: o sr. Mário Donato, com seu romance “Presença de Anita”. Em que consiste a “liberdade de criação artística” no caso? Em ter o sr. Mário Donato escrito uma história erótica e pornográfica...

Não há dúvida de que existem os personagens do sr. Donato, não há dúvida de que há uma “inspiração” para as poesias do sr. Drumond. Mas, a escolha dos personagens de uma história, a inspiração poética, tem, inegavelmente, “uma significação de classe”. É impossível fugir à definição entre as classes opostas — proletariado e burguesia — e deixar de refletir os aspectos de sua realidade: a de-

(Conclue na pág. 20)



AO MAR AS ARMAS DOS INCENDIÁRIOS DE GUERRA — quadro do pintor soviético B. Prorokow

CAPITULO DE NOVELA

(CONCLUSÃO)

fazia desabar todas aquelas manchetes, todo aquele ruído noticiário lançado contra os que haviam lutado, sofrido uma derrota e estavam sendo perseguidos.

Nos dias rápidos e cheios para ela, foi tendo a intuição de que aquela luta era contra todos os que tornaram doido o seu pai, expulsaram sua mãe e assassinaram o velho Brígido. No entanto, tinha medo.

Queimou o pedacinho d' "A Classe". Entrava e saía da fábrica, muito cautelosa, como se houvesse participado do movimento. Não falava a ninguém sobre o que diziam os jornais. E com feliz desasossegado e esperança um tanto obscura, soube que os operários de uma fábrica, em São Cristóvão, haviam se levantado em greve de meia hora. E, meio divertida, disse, de repente, a si mesma, caminhando para casa:

— Um dia pode haver uma greve na fábrica onde trabalho. Como se faz uma greve?

Na tarde seguinte, viu espalharem boletins na Central e o arrojo daqueles que não temiam o terror. Recordou a calma do fugitivo na fazenda, o sorriso de quem acreditava alcançar o que parecia impossível. Por simples impulso, apanhou do chão, no mesmo instante, um maço de boletins ao acaso e os espalhou.

Viu-se agarrada, levada aos tropeções para um carro no meio da multidão. Tudo se passou numa vertigem.

Quando deu acordo de si, estava num casarão desconhecido. Teve de passar entre alas de homens que assobiavam, lhe atiravam palavrões e lhe chamavam sempre de vagabunda. Vagabunda. No primeiro instante, com vontade de chorar parecia não dominar o medo. Mas a um novo empurrão, a um pontapé na ilhargia, aos palavrões que a cobriam de lama, compreendeu que se encontrava em mãos dos que também mataram o velho Brígido. Refez-se num breve intervalo em que apenas a insultavam e ergueu o olhar para examiná-los, convencer-se de que eram mesmo homens, se algum vestígio humano restava ainda naquelas caras. Sustentou o olhar e cuspiu no primeiro que tentou tocar-lhe os seios. Foi atirada ao chão, o rosto sangrou no tombo, um suor inundou-lhe o corpo inteiro.

Arrastaram-na para uma sala onde ficou a um canto, arquejante, a enxugar com a barra do vestido o sangue e o suor, mas sozinha. A porta fechou-se.

Ouvia rumores lá fora, estrondos, buzinas, zumbidos, um ferver de sangue e ódio em si mesma. Na verdade, sentia, pela primeira vez, um ódio que era como um novo sentimento de honra e um ódio às escoriações do rosto e dos joelhos. Um ódio que lhe incendiava o coração. E ali, na sala escura, embora sozinha, já sabia que outros também, talvez centenas, pelas salas contíguas, corredores onde fosse, experimentavam o mesmo ódio.

Assim, uma confiança em si mesma, a recordação do fugitivo e a certeza de que havia praticado alguma coisa contra os assassinos do velho Brígido, dominaram a prisioneira.

(CONCLUSÃO)

O POLVO ESTENDE SEUS TENTACULOS

Elétrica do S. Francisco estabelece que a energia produzida pela usina de Paulo Afonso deverá ser fornecida às principais cidades do nordeste, particularmente Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, etc., ATRAVÉS DAS COMPANHIAS CONCESSIONÁRIAS dos respectivos serviços públicos. Ora, essas companhias são, todas elas, tentáculos da Bond and Share, sendo as mais importantes a Pernambuco Tramways, em Recife, e a Circular e Energia Elétrica, na Bahia. Desta maneira, a energia produzida pela usina hidro-elétrica de Paulo Afonso terá o mesmo destino que a produzida pela usina termo-elétrica de Aratú: será entregue à Circular, de mão beijada, para que esta obtenha lucros fabulosos revendendo-a às populações do Estado. E tudo isso sem que o «polvo» tenha necessidade de tocar em seu capital.

PELA CONFISCAÇÃO DO «POLVO AMERICANO»

A Circular já confessa claramente os seus propósitos. Em memorial dirigido ao Conselho Nacional de Águas e Energia, a empresa imperialista procura justificar o não cumprimento das obrigações assumidas quando da concessão ilegal do racionamento de energia — entre elas, a ampliação da usina de Bananeiras, a construção de nova unidade e a restauração das linhas aéreas da Cidade do Salvador, já transformadas em ferro-velho — alegando ESTAR A ESPERA DA ENERGIA ELÉTRICA PRODUZIDA EM ARATÚ E PAULO AFONSO. E

o conselho aceitou as «justificativas» da Circular, isentando-a do cumprimento das obrigações assumidas. Prevê-se, para dentro de dois a três anos, o início do funcionamento das usinas de Aratú e Paulo Afonso; e então, a Bond and Share entrará em plena posse dessas duas grandes riquezas de nosso povo: o gás de Aratú e o potencial hidro-elétrico da cachoeira de Paulo Afonso.

Contra esse assalto monstruoso, erguem-se os protestos do povo bahiano. Para as grandes massas populares e trabalhadoras de nosso Estado, trata-se não somente da defesa de Paulo Afonso e Aratú, mas de acabar, definitivamente, com essa exploração intolerável do truste americano; é necessidade indispensável, para o seu progresso e bem-estar, liquidar com essa exploração, expulsar de nossa terra os americanos exploradores e gananciosos, libertar a nossa Pátria do jugo imperialista.

Já muitas vezes o povo bahiano demonstrou a sua revolta e sua vontade de luta contra a odiada empresa. Nenhum exemplo melhor do que o quebra-bondes de 1930, quando as massas populares se levantaram, em irrefreável explosão de cólera patriótica, contra os gringos que faziam da bandeira nacional biombo de sanitário. Nos anos seguintes, novas lutas foram desencadeadas, sem interrupção, contra a brutal exploração da Circular. Mas, hoje, essa luta atinge

a um nível antes não alcançado. O povo bahiano, as massas trabalhadoras, todos os patriotas, lutam, vigorosamente, pela confiscação total e completa, sem qualquer indenização, da Companhia Linha Circular de Carris da Bahia e da Companhia de Energia Elétrica, pelo cumprimento do ponto n. 3 do Programa da FRENTE DEMOCRÁTICA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL, que estabelece:

«PELA IMEDIATA LIBERTAÇÃO DO BRASIL DO JUGO IMPERIALISTA — Confiscação e imediata nacionalização de todos os bancos, empresas industriais, de serviços públicos, de transportes, de energia elétrica, minas, plantações, etc., pertencentes ao imperialismo».

A plena posse do nosso povo sobre as riquezas nacionais, de gás de Aratú e de Paulo Afonso, a expulsão dos exploradores da Circular-Energia Elétrica da Bahia não serão possíveis enquanto estivermos governados por essa ditadura feudal-burguesa, que tudo cede ao imperialismo. A luta pela confiscação da Circular-Energia Elétrica, pelo aproveitamento de Paulo Afonso em função das necessidades de nosso povo, é parte integrante da luta anti-imperialista de todo o povo brasileiro pela vitória do programa da FRENTE DEMOCRÁTICA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL, pela conquista de uma Democracia Popular. Este é «o caminho de luta e da ação, o caminho da revolução», apontado por Luiz Carlos Prestes em seu histórico Manifesto de Agosto, o caminho da verdadeira libertação nacional e social de nosso povo, seguido com vigor crescente por camadas cada vez mais amplas do povo bahiano.

POEMA A HOWARD FAST

No grande ato celebrado a 18 de junho passado no Sindicato de Telefonistas do México, em defesa do escritor FAST, do doutor BARSKY, e de outros norte-americanos amantes da paz, presos nos Estados Unidos, o poeta PABLO NERUDA deu a conhecer o poema abaixo:

A HOWARD FAST ENCARCELADO ME DIRIJO;
TE ABRAZO, CAMARADA; TE DIGO:
BUENOS DIAS, HERMANO.

Yo vi cerrarse las puertas de España, y rodar en la sombra
[la frente
del poeta que era toda la luz española;
fueron hacia él las bestias sanguinarias, lo encontraron y
[desde entonces
hay sombra y noche y sangre y lágrimas en las tierras de
[España.

Yo no soy de aquí, yo soy de Chile, allá lejos
están mis camaradas, están mis libros, está mi casa
frente a las olas gigantescas del Pacífico frío,
a mí también querían verme en sus calabozos
o muerto, silencioso para siempre.

Franco, Truman, Trujillo odian la voz del hombre
y antes de encadenar a los pueblos, antes de que la marca
del terror se sacuda sobre todos los hombres
hacem la cacería del que describe o canta.
Franco lleva un coágulo de sangre en la corbata.
Trujillo afila cada día sus puñales.
Truman, el carcelero, ladra junto a las rejas
que encierran el altivo pensamiento de América.

Quién supo los dolores del Paraguay? Quién siente
un anargo sabor de sangre en la boca, un sabor que te invade
porque en la tierra de Arequipa los jóvenes muertos dejaron
un terrible color escarlata en la arena?
En Bolivia el minero fué derribado a tiros
a los pies de la inmensa pirámide de estaño extraído
por sus manos abiertas, ahora en la nada,
en Venezuela los grillos vuelven del mar, del olvido
a implantar otra vez la ignominia, en Colombia
se destruye en silencio la intensa corriente sonora
de un pueblo, y en Chile, habéis visto
la luna espectral del desierto sobre los perseguidos.

Hoy no es la selva, no es la ignota
tierra del vasto Sur americano
la que empuja al martirio,
es la orgullosa mansión de los ricos,
es la nación del Norte dorado,
es el castillo erizado de usinas
en cuya estrada la estatua con la antorcha
ilumina las puertas de la cárcel.

Es Howard Fast el que ha entrado. Sus libros
han sido uno a uno como grandes hogueras
que iluminan la vida de América,
él escribió sobre los héroes negros,
sobre los capitanes y sobre los caminos,
sobre las pobres gentes y sobre las ciudades,
y ahora entra en la cárcel con veinte hombres ilustres,
y sobre su cabeza cae la misma nieve oscura
que yo ví descender sobre España, la misma
noche, la misma sombra, la misma sangre.

Oh tierra de los Estados! Oh soberana joven
que despertaste a la vida, nación grande y desnuda,
como una segadora sobre los cereales,
sobre la multitud de los dones del mundo.
Hoy Norteamérica, como un cristal de pronto
transformado en estiércol, he aquí que apareces
convertida en montón de gusanos voraces
que te devoran, cueva de delatores, patria
de las inquisiciones, de las nuevas gestapos,
hoyo de traficantes, trono de policía,



ILUSTRAÇÃO DE CANDIDO PORTINARI

y el sitio donde estuvo la cordura de Jefferson
dictando rectitudes de jardín con rocío,
es hoy pampa furiosa donde el enloquecido
sheriff entra a caballo en las bibliotecas
y el pistolero que antes desembarcó en Nicaragua
dispara, autorizado, sobre los sindicatos.

Howard Fast, el terror que cortó como filo
de cuchillo malvado, las costumbres de Chile,
el veneno insensato de Goebbels y Somoza,
la racha criminal que enluta a Grecia,
hoy sobre tu cabeza de eminencia escogida
se descarga, y comienza la invasión de tu patria.

Habéis sido escogidos por los mismos verdugos.
Quieren exterminar tus páginas preclaras.
Ya conocemos esto pero ahora
sabemos demasiado para no prepararnos.

Aquí estamos en todas las tierras los que te amamos.
En tu figura vemos la estatura del pueblo.
En tu voz recogemos la semilla invencible.
Hacia la paz marchamos contigo y con tu pueblo.
Desde la cárcel vemos tu rostro de bandera.
Vigilamos los pasos de cada carcelero.
Crecemos cada día con tu ejemplo.
Seremos numerosos como toda la tierra.
Tendremos la energía del infinito océano.
La cárcel de hoy será transformada en victoria!

México, 18 de junio de 1950.

PABLO NERUDA

A NATUREZA POPULAR DA

MARK ROSENTHAL

Um dos problemas essenciais da ciência soviética, é a questão do caráter popular da arte. Na decisão sobre a ópera «A Grande Amizade», ao lado das demais resoluções do Comité Central do Partido Comunista (bolchevique) da URSS sobre literatura e arte, a questão do caráter popular da arte, ocupa importante lugar. O Partido Comunista, na apreciação de qualquer produção de arte, parte da premissa de que a mais importante característica da arte socialista soviética é a sua natureza popular. O Partido condena o formalismo e todas as outras variantes da forma artística burguesa decadente, por serem contrários ao povo.

Similarmente, quanto à questão do caráter popular da estética marxista e da crítica de arte soviética, deve aproveitar e desenvolver de forma crítica as idéias dos grandes críticos russos revolucionários democráticos.

Chernyshevsky deu uma profunda definição da natureza popular da arte.

«Que é que limita efetivamente a mais ampla influência da natureza na literatura? — pergunta, e ele responde:

1º) O grau da atenção dado pela literatura a qualquer assunto é proporcional ao grau de importância que este assunto desperta na vida nacional. Portanto, a literatura ocupa-se principalmente do estudo da vida nacional.

2º) A forma da obra de arte deve ser perfeitamente nacional». — (Chernyshevsky — «Obras Completas», vol. III, pág. 655 — 1947 — Moscou).

Esta definição abrange definitivamente os aspectos mais importantes da natureza popular da arte: a natureza popular do conteúdo e a natureza popular da forma. A natureza popular do conteúdo da arte é proporcional ao grau de importância que o tema abordado pelo artista tem para o povo. Mas isto não é tudo. Além disto, a forma da obra de arte deve ser também popular, isto é, aceitável ao povo, e realista, de modo a concorrer para mais ampla e profunda revelação da realidade.

Os grandes críticos russos, portanto, ligaram, intimamente, as concepções da natureza popular da arte com seu realismo. Para eles, a natureza popular da arte era indispensável ao caráter realista da arte, tanto no conteúdo como na forma. O realismo da arte, segundo Belinsky, Dobrolyubov e

Chernyshevsky, é inimigo de toda espécie da abstração aos vitais problemas da atualidade, da fuga a estes problemas para as esferas além das nuvens, do abandono dos interesses do povo.

É particularmente importante frisar, hoje, a ligação entre a natureza popular do realismo da arte, tão profundamente revelado e estabelecido pelos grandes críticos russos das décadas de quarenta e sessenta do século passado, porquanto, na arte modernista burguesa, cuja influência estamos combatendo, o anti-realismo é uma expressão de seu caráter anti-popular e anti-democrático.

Esta ligação entre o realismo na arte e sua natureza popular, foi bem expressa pelo famoso artista revolucionário francês Courbet, participante da Comuna de Paris, com as seguintes palavras: «O realismo é a arte democrática».

A resolução do Comité Central do Partido Comunista (bolchevique) da URSS, dirigida contra as tendências formalistas na música soviética, define o formalismo como uma tendência anti-democrática e anti-popular na arte. Salienta-se, na decisão, que os formalistas não inculcaram entre os estudantes jovens «amor pela arte criadora do povo, pelas formas musicais democráticas». A resolução do Comité Central do Partido Comunista (bolchevique) da URSS orienta a música soviética no sentido de uma arte profundamente popular, realista, em que o conteúdo ideológico, tão importante para o povo, deve combinar-se com a perfeição da forma, com sua acessibilidade e natureza democrática.

Ao elaborar o problema da natureza popular da arte, a estética marxista soviética só pode partir da premissa de que a natureza popular da arte é uma categoria histórica. A natureza popular da arte socialista soviética é algo diferente da natureza popular da velha arte, mesmo da mais avançada, porque desde a Grande Revolução Socialista de Outubro as condições de vida do povo modificaram-se inteiramente, o próprio povo tornou-se diferente e a concepção do «povo» adquiriu um novo significado social.

A estética marxista, ao analisar o problema da natureza popular da arte, baseia-se nas declarações de Lênin e Stalin sobre arte, e na resolução do Comité Central do Partido Comunista

(bolchevique) da URSS, que proporcionam diretrizes, sobre o assunto, absolutamente claras e precisas.

Rememoramos as notáveis palavras pronunciadas por Lênin numa entrevista com Clara Zetkin:

«A arte pertence ao povo. Ela deve assentar suas mais profundas raízes no verdadeiro cerne das amplas massas trabalhadoras. Deve ser compreensível para essas massas e apreciada por elas. Deve combinar os sentimentos, pensamentos, e a vontade destas massas, e elevá-los. Deve despertar os artistas no seio das massas e desenvolvê-los».

Nestas palavras foi delineado todo o programa da estética marxista sobre a questão da natureza popular da arte.

A concepção da natureza popular da arte soviética tem um conteúdo social claro e definitivo. Fala da natureza popular socialista, que torna a arte uma poderosa arma na luta do povo pela reconstrução comunista da sociedade. Isto quer dizer que a arte soviética une os sentimentos, as idéias e a vontade do povo, elevando-os ao nível da consciência socialista, liderando a luta contra todas as sobrevivências do capitalismo no modo de vida e na moral do povo. Neste objetivo socialista, para o qual se orienta a arte soviética, está sua extraordinária vantagem.

A natureza popular da arte soviética consiste no fato de despertar e desenvolver no cidadão soviético um sentimento de orgulho pelo povo soviético, que está marchando na vanguarda da humanidade progressista da atualidade, um profundo e ardente amor à pátria socialista. Seja qual for o assunto dos escritores soviéticos, o tema que os artistas, compositores, etc., desenvolvem em suas obras, a importância de sua criação é determinada pelo medida em que ela ajuda um patriota soviético a tornar-se um lutador que reconheça toda a grandeza do que está feito no país soviético, que esteja preparado para dar sua contribuição à luta comum do povo pelo comunismo.

A natureza popular da arte soviética significa também a substituição do herói nas produções artísticas. Um novo herói, a classe operária, o camponês trabalhador, o povo ativo e conscientemente moldado a vida socialista, surgiu no cenário histórico. Anteriormente, o trabalhador era uma figura episódica na arte. Hoje, tornou-se o ator principal. Esta modificação na arte é o reflexo de uma modificação na própria realidade.

No primeiro Congresso das Brigadas de Trabalhadores das Fazendas Coletivas, o camarada Stalin disse:

«Os operários e camponeses que trabalham silenciosamente, que constroem fábricas e usinas, perfuram minas, assentam ferrovias, constroem fazendas coletivas e fazendas do Estado, que criam todas as coisas úteis da vida, que alimentam e vestem o mundo inteiro — esses são os verdadeiros heróis

NOSSA CAPA — É uma homenagem ao maior poeta brasileiro, o cantor da liberdade, Antonio de Castro Alves. Procuramos, deste modo, chamar a atenção dos jovens poetas bahianos para o exemplo da vida, da ação e da poesia do cantor de «Os Escravos», e recordar a atualidade de seus versos de fogo. Em sua época, arauto das grandes idéias e dos sonhos de liberdade, Castro Alves aliou sua arte, sua poesia — o mais alto instante da literatura brasileira — às lutas pela abolição da escravidão e pela República, que cobriram de agitações e movimentos populares o curto período de sua existência, e os anos posteriores.

Poucos anos antes de sua morte, Castro Alves sonhou o mundo como uma família única, um mundo do «hino do trabalho». Nós estamos exatamente no século em que o proletariado constrói o socialismo na quinta parte do mundo, no século em que o trabalho vence o capital, o proletariado a burguesia, no século que ainda verá, na prática, o sonho do mundo como uma família única.

ARTE

e criadores da nova vida. (J. Stalin — «Questões do Leninismo», pág. 253 — edição Russa. — Moscou).

Na questão da forma, a natureza popular socialista significa a elevada perfeição da expressão do artista, que se combina com a simplicidade e a compreensibilidade para as massas. Lenin disse que a arte deve ser compreensível para as massas.

Precisamente deste ponto de vista, a resolução do Comité Central do Partido Comunista (bolchevique) da URSS submete à crítica as deturpações formalistas na arte.

Já na resolução do Comité Central do nosso Partido sobre literatura, adotada em 1925, indicou-se claramente o caminho da arte soviética:

«O Partido deve ressaltar a necessidade de se criar uma literatura destinada a um verdadeiro leitor de massa, ao operário e ao camponês; é necessário libertar-se com audácia e determinação dos preconceitos senhoriais na literatura e, utilizando todas as conquistas técnicas do velho artesanato, elaborar formas correspondentes, compreensíveis a milhões de pessoas».

Esta a tese desenvolvida na resolução do Comité Central do Partido Comunista (bolchevique) da URSS sobre a ópera «A Grande Amizade», onde se acentua que alguns compositores soviéticos «estão se esquecendo de como escrever para o povo», e que o caminho da música soviética é:

«a combinação da música de elevado conteúdo com a perfeição da forma musical, a qualidade verdadeira e realista da música, sua profunda conexão orgânica com o povo e sua arte criadora musical e vocal, o alto nível da arte profissional e, como ao mesmo tempo, a simplicidade e a compreensibilidade da obra musical...»

A natureza popular da arte clássica avançada do passado era baseada na ampla utilização da criação popular, no folclore, motivos populares, canções históricas, riquezas de linguagem popular, etc. Gorki muito falou sobre isso ao instar para que os artistas soviéticos fizessem a máxima utilização dos tesouros das obras populares. A natureza anti-popular das tendências na arte soviética significa um consciente afastamento desta obra criadora. Isto foi salientado na resolução do Comité Central do Partido Comunista (b) da URSS sobre música. A resolução assinala também o fato de que alguns dramaturgos não possuem suficiente conhecimento da linguagem popular.

A estética soviética deve armar os artistas com uma profunda compreensão de uma questão tão importante como a natureza popular da arte soviética.

(Trecho do estudo «A Estética Socialista»).



JOSÉ PANCETTI, falando no comício de encerramento do "II Congresso Estadual dos Partidários da Paz"

JOSÉ PANCETTI

PINTOR DO POVO, COMBATENTE DA PAZ

JOSÉ PANCETTI está pintando a Bahia. Praias, o mar, tipos populares bahianos, estão passando para as telas do grande pintor, nosso melhor marinheiro.

Pancetti é um pintor de origem popular. Filho de pobres emigrantes italianos em São Paulo, teve a infância de milhares de brasileiros em idênticas condições. Conheceu dias arduos. Depois marinheiro, e oficial da Marinha brasileira, deixou aí uma tradição democrática, de coragem, e, principalmente, de aguda preocupação com os problemas de sua Pátria. Num período em que a maioria dos oficiais da Marinha, oriundos das classes dominantes, pregavam o fascismo e queriam impor seus métodos na Marinha, Pancetti, oficial, filho de trabalhadores, era amigo dos marinheiros e antifascista. Combateu na Marinha o integralismo, a quinta-coluna verde, com ardor e desassombro. Suas atitudes patrióticas, e sua atuação democrática junto aos marinheiros, valeu-lhe admiração.

Para firmar-se como pintor — e dos maiores, no mundo — Pancetti lutou contra as condições adversas à cultura e à arte existentes em nosso país, onde domina um regime feudal-burguês. Logo compreendeu que o artista só será livre, e somente encontrará condições favoráveis ao desenvolvimento da arte quando desaparecer o capitalismo, explorador do Homem e gerador de guerras. Assim, Pancetti liga sua vida e sua arte à luta pelo Socialismo, pela vitória da classe operária, da Paz, do progresso e da cultura.

Sim. É um artista, um grande artista, o pintor José Pancetti!

Mas, como artista e cidadão, participa ativamente da luta mundial dos povos contra a guerra e a bomba atômica. Dando exemplo, o pintor José Pancetti presidiu os trabalhos do "II Congresso Estadual dos Partidários da Paz", e falou no comício de seu encerramento. Lançado o Manifesto de agosto de Luiz Carlos Prestes, Pancetti atendeu o apelo do grande líder revolucionário do povo brasileiro aos intelec-

(Conclue na pág. 20)

OS QUILOMBOS DA COTINGUIBA

(CONCLUSÃO)

safio a ferocidade dos capitães do mato.

O «Jornal de Aracajú», órgão de imprensa das classes dominantes, dá um noticiário interessante a respeito da perseguição levada a efeito pela Polícia e Guarda Nacional contra os quilombolas. Entre 1872 e 1875 notícia os seguintes ataques dos capitães do mato contra os ranchos dos negros.

Março de 1872 — Forças policiais, auxiliadas por 80 praças da Guarda Nacional, atacaram os quilombos situados nas matas dos engenhos de Rosário. Destacamentos ali concentrados, sob o comando de João Batista da Rocha, preliminarmente, haviam devassado as matas dos engenhos Capim-Assú, Várzea Grande e Jurema, com o intuito de «arrojar os escravos para o lado onde estava o grosso da força». Fugindo ao ataque destes destacamentos, os quilombolas «formaram nova situação próxima àquele lugar», em seguida atacada pelo grosso das tropas. Estas, porém, não obtiveram vitória, pois, na «nova situação», apenas encontraram «grande porção de sebo de gado, cordas, alimentos, etc.» os quilombolas haviam se refugiado. Desconfiando que eles estavam protegidos pelos negros da senzala dos Capim Assú, as forças para lá se dirigiram, sem resultados todavia, a não ser a dá prisão de «4 escravos da fazenda».

No mesmo mês, sob o comando de João Esteves de Freitas, 62 praças foram a Divina Pastora, onde, «auxiliado pelo sempre prestante major Felix Zeferino Cardoso», cercaram as senzalas dos engenhos Limeira, Quindogá e Piedade, realizando «duas prisões importantes».

No dia 16 do mesmo mês, capitães do mato cercaram as matas do engenho Floresta, afim de esmagar os quilombos ali situados. Não encontraram, porém, nenhum quilombola...

Abril de 1872 — Em Rosário, o delegado cercou os sítios «Baracho e Facão entre a mesma vila e o Pá do Banco», sem nenhum êxito.

Em Divina Pastora, sob o comando do delegado, o destacamento policial, auxiliado com algumas praças da Guarda Nacional, cercaram as matas do engenho Batinga. «Apenas foi capturada uma escrava e apreendidos 4 cavalos, duas armas de fogo e muitos objetos de alijamento».

Em Rosário, as matas do engenho Floresta também foram cercadas, mas sem nenhum resultado.

Agosto de 1872 — Na vila de Japarutuba levou-se a efeito uma caça-

da contra os quilombolas. Estes, «presentindo o movimento da força», se refugiaram nas senzalas do engenho. Contudo, «foram destruídos nove ranchos e apreendidos alguns animais».

Fevereiro de 1873 — Foi realizada uma «diligência» nas matas dos engenhos Peripeiri Novo e Velho, havendo a captura de três escravos.

Em Rosário, as diligências, que continuavam em atividade, aprisionaram dois quilombolas: José e Faustino.

Abril de 1873 — O delegado de Laranjeiras, tenente Jeremias Roberto de Carvalho, levou a efeito uma «diligência» «em terrenos do engenho Brejo», aprisionando dois escravos.

Maio de 1873 — Em Laranjeiras, o mesmo delegado, informado da existência de quilombos nas matas do engenho Brejo, realizou aí uma diligência. Houve apenas a captura da parda Francisca, que não conseguiu evadir-se com os outros quilombolas.

Dezembro de 1875 — Realizou-se um ataque frustrado contra «um grande grupo entre os terrenos de Capela e Rosário. A ação foi planejada pelo próprio chefe de polícia.

Outubro de 1874 — Em Capela, o delegado Matias José dos Santos realizou uma diligência nas matas do engenho Lagoa Funda, conseguindo aprisionar 5 quilombolas, 5 cavalos e um burro.

Esta lista das diligências dos destacamentos da Polícia e da Guarda Nacional é demasiado incompleta, pois a perseguição aos quilombolas não se limitou a tão pequeno espaço de tempo. É suficiente, porém, para podermos compreender que a perseguição dos escravagistas aos quilombolas era constante, quase diária. E mais: ressaltaram os repetidos fracassos dos capitães do mato na sua caçada de escravos, as suas derrotas impostas pelas artimanhas dos negros, o heroísmo dos quilombolas mantendo acesa a sua revolta secular contra a escravidão.

Não só o heroísmo, mas a tática da luta que a experiência lhes ensinou. Os quilombolas não eram, de modo algum, simples negros foragidos, mas, também, guerrilheiros. E a sua tática se coadunava inteiramente com os objetivos de sua luta. Ao invés de combater, regaceiavam ante as tropas negreiras. Pareciam fugir, e eram manobras hábeis, por meio das quais conseguiam frustrar os assaltos.

Toda a vida dos quilombolas era organizada no sentido de evitar ataques de surpresa. Daí eles estabelecerem os seus «ranchos» nas próprias matas dos engenhos, nem longe nem perto dos inimigos. Isto é: suficien-

temente longe para que um inesperado movimento das tropas não significasse ameaça fatal; o suficientemente perto, afim de que pudessem ser informados a tempo dos ataques dos capitães do mato: na cidade e no campo eles contavam com o apoio dos escravos e das camadas pobres da população.

«A amizade e proteção que quase todos os escravos dos engenhos votam aos quilombolas, são sérios obstáculos: dão não só aviso, como guarda no caso de qualquer emergência mesmo dentro das senzalas» (Jornal de Aracajú, 21 de março de 1872).

Nos engenhos, além dos escravos, os parceiros apoiavam e protegiam os quilombolas.

«O rigor do inverno fá-los procurar as proximidades dos povoados e a proteção dos parceiros dos engenhos, proteção que muitas vezes tem burlado as diligências da polícia» (idem, 10 de agosto de 1872).

A este apoio das senzalas e dos parceiros aos quilombolas, o «Jornal de Aracajú» classificou de «perigoso conluio que hora se dá para frustrar os planos da autoridade». E o chefe de Polícia do tempo, Manoel Espínola, no seu relatório de março de 1873, depois de lamentar o pouco êxito das diligências negreiras em sua administração, durante o qual só foram capturados oito quilombolas no Rosário, quatro em Divina Pastora e dois em Laranjeiras, escreveu:

«Para isso não pouco concorrem alguns proprietários dos referidos municípios, os quais, por um desleixo criminoso, não se deixam que esses escravos se acoitem em suas terras, como também não impedem que se relacionem com os que possuem nos seus engenhos, o que é de grande proveito àqueles que não podem ser apreendidos sem grande dificuldade».

Este apoio, realmente, era a própria terra segura dos quilombolas, muito mais segura que o próprio interior das matas. Sem ele, os quilombolas seriam anteus sem terra para fincar os pés. Mas a justeza de sua causa proporcionou-lhe o apoio, não só das senzalas, como das camadas pobres do povo: e eles se tornaram invencíveis.

A bandeira de liberdade que eles primeiro ergueram no Brasil e tremulou, vitoriosa, nas mãos dos abolicionistas e republicanos, hoje continua desfraldada, à frente do nosso povo, na luta pela redenção de todos os oprimidos. É uma bandeira sem mácula e sem derrota, a bandeira dos explorados e oprimidos, operários e camponeses, que lutam por um governo popular e democrático. Lutam, enfim, pela libertação do Brasil, pelo progresso.

CAPITULO DE NOVELA

DALCIDIO JURANDIR

Luisa correu para o campo e nada mais viu senão a aurora cobrindo as colinas.

Voltou ao esconderijo e tratou de fugir, como lhe recomendara o fugitivo, antes que fosse apanhada ali pela polícia.

Ao sair, deu com um pedaço sujo de jornal no meio de pontas de cigarros e folhas secas. Apanhou-o e leu: "A Classe... Faltava o resto... Em baixo a frase: "Proletários de todos os países..." Também incompleta. Entre estas letras, a foice e o martelo que reconheceu iguais aos que vira, feitos a piche, num muro em Andaraí.

Mordeu os lábios, franziu a testa na tentativa de compreensão. Lembrou-se de Angelo Soares. Saberá ele explicar? Talvez não. E se soubesse, fingiria não saber.

Procurou decifrar todas as palavras que restavam naquele padacinho de jornal velho. As inteiras e as mutiladas. As frases que, pelo menos, esboçavam algum sentido. Todas, afinal, expressavam, embora confusamente, qualquer coisa contra. Contra o que, não sabia ainda.

Virando o pedaço de jornal leu o começo da palavra: "Ban..."

Seria bandido? Adiante leu "Partido". A seguir: "...os camponeses devem..." Faltava o resto. Era apenas um pedaço de jornal tão pequeno. Que jornal era esse? Que diferença entre ele e os livros de modinhas, as letras de sambas e os fascículos do tempo do Angelo Soares!

Repetia: "A Classe..." Que classe era essa? E que era proletário? Sim, tinha ouvido falar em proletariado, ao que não prestara muita atenção. Teria sido na fábrica.

Luisa relia, fascinada, as palavras misteriosas e incompletas. Estava certa de que, por causa daquilo tudo que continha o trapo de jornal, um homem tossindo, calmo e intrépido, fugia ou estaria pronto a enfrentar batalhões. A frase "os camponeses devem" lançava-a em suposições diversas. Devem matar o bandido? Devem defender os seus casebres? Devem o que? E o distintivo do jornal?

A foice lembrava o velho Brígido numa poça de sangue, sangue cobrindo o mandado de despejo. Lembrava também o seu tempo de menina, quando sua mãe, no terreiro, erguia uma enxada. E o martelo fazia-a ver faíscas de uma bigorna vista ao pé da estação. Que queriam dizer os instrumentos juntos, como entrelaçados?

Tudo aquilo era contra a polícia e portanto alguma coisa necessária e justa? Nada sabia e sua curiosidade não se detinha. Faltava descobrir a chave de todas as charadas, desde o encontro com o fugitivo até o encontro com o pedaço de jornal. Também tudo podia ser bôba coincidência. Era possível que o pedaço de jornal não significasse nada.

Chegou à choupana do tio, arrumou a maleta e saiu para a estação, que era distante. Restava fugir imediatamente e não causar suspeita. Teria feito mesmo uma ajuda àquele homem desconhecido que levava no olhar uma vontade desconhecida?

A sensação do perigo, a curiosidade, o medo, indicavam-lhe obscuramente uma reviravolta de pensamentos, uma disposição diferente para aceitar a grande cidade que a esperava.

No trem, Luisa relia o pedaço d' "A Classe", sem ter bem consciência do perigo. O fugitivo havia lhe deixado aquele descobrimento. O pedaço de jornal surgira daquela aurora que se desmanchava pelas colinas e campos. Qual seria o nome todo? E o fim da frase: "Proletários de todos os países..."?

Chegando ao Rio, pôde apenas saber que um quarteirão, na Praia Vermelha, havia se levantado e fora destruído pelas tropas do governo. Milhares de homens e mulheres nas prisões. Depois, os jornais, que Luisa passou a ler com avidão, traziam nomes, manchetes, fotografias, sobretudo a palavra Comunismo.

Voltou à fábrica de tecidos, com o pedaço d' "A Classe" dentro da bolsa. Uma tarde, ao sair, comprou um vespertino e teve afinal a revelação: um clichê do pequenino jornal por inteiro: "A Classe Operária".

A A. B. D. E. É A CASA DOS ESCRITORES



Prof. Adroaldo Ribeiro Costa

A "ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESCRITORES", secção da Bahia, a casa dos escritores bahianos, presidida pelo professor e teatrólogo Adroaldo Ribeiro Costa, traçou um programa de novas atividades, que já devem estar em prática quando circular nossa revista. O novo programa da A. B. D. E. objetiva a realização de conferências, cursos de divulgação, e a publicação de um boletim mensal, informando e debatendo questões de cultura, literatura e arte. Ainda para novembro, a A. B. D. E., secção da Bahia, prepara um ato de homenagem ao poeta bahiano

no Arthur de Siles, nome ilustre da cultura bahiana, seu ex-presidente, e sócio de honra.

As novas atividades da A. B. D. E. acompanham a preparação próxima, em todo o país, do IV Congresso Brasileiro de Escritores, a realizar-se em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, em 1951.

Tomou um bonde, repetindo mentalmente, como um refrão: A Classe Operária. A Classe Operária. Também ela... Também... Demorava completar o pensamento. E perguntou a si mesma, sem medir a inteira significação do que perguntava:

— Mas eu não sou também uma operária?

Longos dias passou assim, trabalhando, silenciosa, acompanhando os jornais, um pouco distraída na rua, se lembrando em alguns instantes das flores que o fugitivo lhe deixara nos cabelos.

Quando soube que Angelo Soares estava à morte, foi vê-lo no hospital e o consolou nos últimos momentos. Beijou-o chorando e o levou ao Catumbi, tão sentida e enlutada como uma viúva.

Com efeito, refletiu, à noite: o mestre não lhe havia ensinado tudo. Nem saberia ensinar. Ficou cantando um velho samba de Angelo, e na sua lembrança ouvia o fugitivo, tossindo. Aquela tosse ainda podia traí-lo nos esconderijos pelo campo. Sentiu que deveria ter insistido em acompanhá-lo, para curá-lo... E sorriu meio confusa, entre a tristeza que a morte de Angelo lhe dava e a exaltação nascida do encontro com o fugitivo.

Sabia agora o nome completo daquele "Partido" encontrado no pedacinho d' "A Classe". Repetia o nome de Prestes, tão falado nos jornais. As prisões se multiplicavam. E à Luisa era cada vez mais estranho que os jornais insistissem sobre tanto horror praticado pelos comunistas. Pode comparar todos aqueles horripilantes instadores, de que falava a imprensa, com o fugitivo, porque também este, não havia mais dúvida, era daquela luta e daquele Partido.

Entrou a duvidar vivamente do que diziam os jornais. O pedacinho d' "A Classe" tão machucado, guardava em suas mãos uma verdade invencível, uma força que

(Conclue na pág. 4)

O POLVO ESTENDE SEUS TENTACU

♦ Campanha de corrupção e suborno da Cia. Linha Circular, visando apoderar-se de duas riquezas anos de sua existência, a C. L. C. C. B. e a C. E. E. B. sempre constituíram um fator de atraso e reação. A chantagem do polvo americano ♦ Confiscação total e completa, sem qualquer indenização, da C.

Tôda uma vasta campanha de propaganda, de corrupção e de suborno, está sendo desencadeada pelos tentáculos do trust ianque Bond and Share na Bahia — Companhia Linha Circular de Carris da Bahia e Companhia Energia Elétrica da Bahia — visando apoderar-se de duas grandes riquezas de nosso povo: o gás de Aratú e o potencial hidro-elétrico da cachoeira de Paulo Afonso. Ao lado dos anúncios, dos tópicos, notas e comentários, divulgados pela imprensa de balcão, com o objetivo de preparar psicologicamente o nosso povo para esse monstruoso assalto do trust — matérias publicadas sem o sinal convencional de matéria paga, aparentemente redacionais, mas na verdade pagas regiamente pela «caixinha» da Bond and Share — são os próprios homens do governo que procuram justificar o crime, apresentando a empresa imperialista como um fator de progresso de nossa economia, de desenvolvimento de nossa indústria, elemento indispensável à melhoria da situação econômica das massas populares, exploradas e sófredoras. O «diplo» do governo colabora, assim, com o Departamento de Publicidade do trust ianque, no assalto a Aratú e Paulo Afonso.

UM POLVO PARASITARIO E COLONIZADOR

Mas a realidade é bem outra. Em todos os anos de sua existência, a C.L.C.C.B. e a C.E.E.B. — que são, na verdade, uma única empresa imperialista, irmãs-gêmeas que coordenam entre si a exploração de nosso povo — sempre constituíram um fator de atraso e reação, um entrave ao desenvolvimento da indústria, elemento de deformação da economia estadual, típicos representantes do capital parasitário, ferozmente colonizador. Mais ainda, a Circular e Energia Elétrica, pontas de lança do imperialismo na Bahia, funcionam como verdadeiras agências de espionagem, coletando as mais diversas informações, econômicas, políticas e inclusive militares, que possam servir aos interesses do imperialismo ianque. Os estudos sobre assuntos econômicos, realizados pela Bond and Share na Bahia, são, via de regra, mais completos que os elaborados por técnicos do Estado.

O «polvo americano», até hoje, nenhum progresso trouxe para o povo bahiano. De um lado, explora brutalmente a seus milhares de trabalhadores; por outro lado, escorcha ao povo com tarifas altíssimas, cobradas pelos

♦ Reportagem d

serviços de transportes urbanos, de telefones e de fornecimento de energia elétrica, serviços que são os mais precários e deficientes. Enviando anualmente lucros fabulosos para seus cofres nos E.E.U.U., o truste recusa-se a empregar um vintém sequer na melhoria de seus serviços, na ampliação de suas instalações. Esta é a realidade que explica o ódio tenaz e implacável do povo, tantas vezes demonstrado, ao «polvo americano».

SITUAÇÃO DE DESCALABRO

É fora de dúvidas que não pode haver progresso e desenvolvimento industrial, sem um fornecimento regular e a preços acessíveis de energia elétrica. Mas isso é justamente o contrário do que acontece na Bahia. A situação de fornecimento de energia elétrica no Estado é de completo descalabro.

A capacidade máxima disponível de todas as suas usinas — Bananeiras, Preguiça e Dique — somada ainda à energia comprada a particulares e revendida à população, não vai a mais de 23.300 kw/hora. Esta é a capa-

Era uma noite excepcional. Durante todo o dia o vento correu. Porém, ao chegar as sombras do crepúsculo, acalmou-se subitamente e desceu a calmaria desde o cimo das árvores, como se a bala de invisível caçador o houvesse abatido; estirado na terra, e fechando suas asas, ficou inerte.

Em torno, tudo imóvel, silencioso. O bosque, afastado do povoado, lançou fundo suspiro e fechou-se em pesado sono. As aves, que até chegar o silêncio tremiam, aflitas, nos ramos baloiçados pelo vento, entregaram-se a um sono calmo.

E este silêncio, vindo de improviso, despertou a velha Isset.

Isset olhou através da janela baixa da casinha. Era uma noite clara, de tons leitosos. O cimo das árvores continuavam imóveis. Unicamente as estrelas cintilavam no alto céu.

O firmamento, que pareceu descer ao pôr do sol, alteou-se de súbito, como uma sombra gigantesca, e pareceu que as estrelas pendiam de uma altura infinita.

A velha Isset olhou sua neta Gumru, dormindo ao seu lado. O sono dos seus dezoito anos era tão calmo, que a velha não quis despertá-la. Na quietude da noite primaveril, ouvia o coração de Gumru bater com os sons de uma canção saturada de primavera e alegrias.

E a velha, afastando-se da janela, pôs-se a escutar esta canção. Logo a reconheceu. Era a canção que sempre dorme na alma de todo ser humano, e que, nestas noites hibernais, desperta pela primeira vez e nos fala de algo desconhecido e elevado...

UM CONT

O SOL SE

por E. I

A avó fechou os olhos para ouvir melhor aquela canção, quando, de repente, ouviu, nas profundidades do jardim, outra toada: abriu os olhos, e se pôs a escutar atentamente. Sim, era a voz do passarinho, daquele mesmo passarinho.

A velha reclinou-se sobre sua neta — ia despertá-la — mas, à luz lunar que caía sobre o travesseiro, viu abertos os olhos da moça.

— Também ouvi, avózinha — exclamou Gumru, virando-se — é então esse o passarinho?

— Ele mesmo — respondeu a velha — Levanta-te!

Gumru saltou alegremente da cama. As duas — avó e neta — se vestiram em silêncio, e, sem conversarem, saíram. Em direção às montanhas, caminharam pela larga rua da aldeia adormecida.

O coração da Gumru batia acelerado ao subir pelos

OS SOBRE PAULO AFONSO E ARATÚ

ovo bahiano: o gás de Aratú e o potencial hidro-elétrico da Cachoeira de Paulo Afonso ♦ Em todos os
um entrave ao desenvolvimento da indústria ♦ Agências de espionagem do imperialismo norte-americano ♦
C. B. e da C. E. E. B., pelo cumprimento do ponto n.º 3 da Frente Democrática de Libertação Nacional

OSÉ GORENDER ♦

cidade máxima, porque é bastante um acidente qualquer, em suas máquinas super-gastas, para que a cidade fique às escuras e uma parte da nossa deficiente indústria forçada a paralisar suas atividades. Mas mesmo essa capacidade máxima é mesquinha, insuficiente. A própria Circular calcula em 24.600 kw/hora a solicitação máxima prevista, isso atribuindo a cada habitante a necessidade MÁXIMA de 35 kw/hora, MENOS QUE NO CONGO BELGA. Isso é suficiente para demonstrar que espécie de «progresso» a Bond and Share tem trazido para o Estado.

Além disso, a Circular só fornece energia elétrica ali onde interessa ao imperialismo ianque. Ainda há pouco, o «polvo americano» recusou-se a estender suas instalações até à cidade de Alagoinhas, segundo centro ferroviário do Estado, sob cínicas alegações, aceitas sem um protesto pelo governo do sr. Mangabeira, como sempre submisso às imposições do truste ianque. O próprio serviço de fornecimento de água à população da Capital ressentia-se do fornecimento irregular e insuficiente de energia elétrica, conforme

afirmações de sucessivos relatórios da Secretaria de Viação e Obras Públicas.

A CHANTAGE DO «POLVO AMERICANO»

Essa situação de descalabro é consequência do próprio caráter parasitário do truste, que sistematicamente se recusa a empregar uma parcela mínima de seus lucros na construção de novas unidades elétricas.

A Circular assumiu a obrigação, por contrato, de construir uma nova usina, no local denominado Pedra do Cavalo, isso desde há muitos anos. A usina nunca foi construída, nem os americanos pensam em fazê-lo.

Em 1940, uma comissão constituída dos técnicos Américo Simas, Oscar Carraschoza e Alípio Viana, opinou pela ampliação das instalações da usina de Bananeiras, dobrando praticamente sua capacidade de produção, como solução mais imediata para a crise de energia. Os planos elaborados pelo engenheiro Américo Simas foram aprovados por todos os técnicos que os examinaram. Apesar disso, nunca foram levados à prática. Há poucos anos, uma nova comissão, constituída dos engenheiros John Moreira Fisher, José Correia Leal e Álvaro Sanches, consi-

derou necessária a construção de uma nova unidade termo-elétrica, na usina da Preguiça, com a capacidade de, no mínimo, 15.000 kw/hora. Apesar disso, a Circular construiu-a com a capacidade de apenas 6.250 kw/hora, em muito pouco modificando a situação do fornecimento de energia elétrica para a Capital, e mesmo assim, utilizando a construção uma nova unidade como pretexto para conseguir, do Ministério da Viação, a famigerada portaria 266, de 30 de março de 1948, que lhe concedeu a «taxa de combustíveis».

Para justificar essa recusa em melhorar e ampliar suas instalações, a Circular alega a falta de dinheiro, afirmando, cínicamente, ser deficitária. Como se fosse possível aceitar tal alegação de um truste como a Bond and Share, que explora em todo o país os serviços de energia elétrica em nada menos de 340 cidades, tendo obtido, em 1948, um lucro líquido confessado de 10,4% sobre o capital empregado, (na realidade, muito maior), o que equivale a mais de 250 milhões de cruzeiros! Como se fosse possível aceitar como deficitária uma empresa como a Circular, que envia para os EE. UU., através de sua matriz no Rio, a «Companhia Brasileira de Força Elétrica»,

(Conclue na pág. 12)

SOVIÉTICO

M O C A S O

MEDJAULI

empinados caminhos, onde jamais rodara carro. Afinal, havia cantado a ave esperada; seu canto anunciava que à noite, acima, nas montanhas, no «vale da boa erva», brotaria a desejada flor de que podia obter-se uma tinta imperecedora para a fição. Muito ouvia sua avó falar dessa florzinha; fazia tempo que esperava este momento, e todos os dias lhe dava pressa para recolhê-la. Porém, a velha esperava pacientemente: sabia que a flor não aparecia antes de cantar a ave que conhecia.

Gumru se apressava, corria, adiantando-se, e, com frequência, tinha que deter-se e esperar sua avó, que subia lentamente.

Estavam no primeiro passo estreito, quando, diante delas, resplandeceu à luz da aurora. Dixeram descansar um pouco. A velha sentou-se em uma pedra. Gumru permaneceu de pé, e olhava em silêncio o céu, que resplande-

cia atrás da colina. As caravanas de estrelas ascendiam pausadamente, elevando-se mais e mais no céu deserto, para perder-se pouco a pouco no infinito.

Gumru desejou dizer a sua avó tudo o que via. Mas não se decidiu a interromper o silêncio, e logo sentiu que o próprio silêncio expressava melhor que a palavra o que desejava dizer.

Gumru ajudou sua avó a levantar-se, e seguiram adiante, pelo caminho iluminado com a luz matutina. O céu se fez de madrepérola, quando o caminho, que serpenteava ao longo de rochas caídas, cruzando vertentes cobertas de amapolas, as levou a um grupo de pastores. Mas no céu já se desenhavam os primeiros tons da aurora, e avó e neta decidiram descer o vale sem parar junto aos pastores.

Subiram uma pequena ladeira, e, de repente, foram envolvidas por um aroma embriagador. Era o perfume da erva boa da montanha. A moça se deteve e aspirou profundamente este aroma, enquanto a avó sentia uma ligeira vertigem. Deixando-se cair pesadamente na terra, disse, assinalando o pequeno vale:

— Chegamos. Este é o vale da erva boa.

Gumru se lançou como uma flecha para o vale. Queria, quanto antes, encontrar a desejada planta. Sumida, porém, em um mar de flores, se deteve indecisa: não sabia como distinguir entre elas a flor que buscavam.

Com voz palpitante, a moça chamou:

— Vózinha, onde encontrar a flor?

(Conclue na pág. 16)

(Continuação)

lucros anuais de mais de vinte milhões de cruzeiros! A verdade é que, apesar de seus lucros fabulosos, o «polvo americano» nada constroi, recusa-se a diminuir seus lucros realizando investimentos em novos empreendimentos, e, como um verdadeiro polvo, limita-se a explorar o trabalho de nosso povo.

A CIRCULAR E O GÁS DE ARATÚ

O próprio aproveitamento do gás de Aratú está sendo feito sem que a Circular nele inverta coisa alguma de seus lucros ou de seu capital, o mesmo acontecendo em relação a Paulo Afonso. Como um polvo parasitário, a Circular pretende se limitar à «compra» da energia produzida nas usinas construídas com o dinheiro do povo, por preços baixos, e à venda dessa energia ao povo bahiano, por preços escorchantes. Assim, sem empregar novos capitais, a Bond and Share controlará, praticamente, a distribuição da energia e os lucros das usinas de Paulo Afonso e de Aratú.

Desde a descoberta das jazidas de gás em Aratú e Itaparica, que a Circular vem procurando assaltá-las. Ante a enérgica oposição de todo o povo, que por várias vezes saiu às ruas, em passeatas e demonstrações de protesto contra esse roubo, os americanos da Bond and Share passaram a utilizar novos métodos. Após uma disputa simulada com a direção da Leste Brasileiro, pela posse do gás de Aratú, resolveu-se a construção de uma usi-

O POLVO ESTENDE SEUS TENTACULOS

na em Aratú, afim de fornecer energia para a eletrificação da Leste. Só na compra das instalações da usina, propriamente dita, à firma suíça Brow Boveri, foram gastos 60 milhões de cruzeiros, fora o que se há de gastar, ainda, com as demais instalações, linhas aéreas, etc. Portanto, a Leste Brasileiro, OFICIALMENTE, levou a partida.

Entretanto, a manobra da Circular logo se desmascarou. A Leste só necessita de 4.000 kw, enquanto a nova usina em construção tem a capacidade de produzir 20.000 kw/hora. E o excedente, isto é, a maior parte de sua produção, 16.000 kw/hora, será fornecido às populações da Capital e das cidades do rincão, EM INTERLIGAÇÃO COM A COMPANHIA CONCESSIONÁRIA, isto é, vendida à Circular, para que esta a revenda aos consumidores, ficando com todos os lucros. Desta maneira, o governo construiu uma usina com dezenas de milhões de cruzeiros de dinheiro do povo, para, PRATICAMENTE, entregar ao «polvo americano» o gás de Aratú e a energia elétrica por ele produzida, tudo isso de mão beijada, sem que os americanos tivessem que fazer o menor esforço.

O «POLVO AMERICANO» E PAULO AFONSO

Situação idêntica ocorre em relação ao potencial hidro-elétrico de Paulo Afonso. A criação da Companhia Hidro-Elétrica do S. Francisco, respon-

sável pela construção da usina de Paulo Afonso, sobre a qual tanto alarde vem fazendo a imprensa venal, está rodeada de escândalos. Abriu o terreno para sucessivas negociatas, para a instalação de uma poderosa máquina eleitoral do governo ao longo do São Francisco, serviu de pretexto, inclusive, para que o sr. Mangabeira batisasse o sr. Dutra de «Redentor do S. Francisco»!

Mas a criação da Cia. Hidro-Elétrica do S. Francisco serviu, fundamentalmente, para possibilitar à Bond and Share o assalto ao potencial hidro-elétrico de Paulo Afonso. Não por acaso, os espíões da Missão Abbink, quando aqui estiveram, dedicaram especial interesse à cachoeira de Paulo Afonso, ali permanecendo durante todo um dia, numa visita suspeita que foi mantido no mais completo silêncio por toda a imprensa bahiana, à exceção de «O MOMENTO», que na ocasião denunciou vigorosamente os objetivos colonizadores dos espíões Abbink, ligando a sua visita a Paulo Afonso ao financiamento concedido pela Bond and Share, poucos dias antes, através a mesma missão de espionagem, ao Plano de Eletrificação do Rio Grande do Sul, particularmente à usina de Salto Grande.

Os resultados dessa «visita», e da política de calabar dos governos federal e estadual, surgiram logo após. A lei que criou a Companhia Hidro-

(Conclue na pág. 4)



Jovens bahianos manifestam-se contra a cia. americana Linha Circular, em frente à Escola Politécnica

ELEGIA DAS QUATRO MORTAS

JACINTA PASSOS AMADO

Chegas de manhã, tranquila.

(Não estás morta, morta, amiga,
no chão, desfeita, de um país de brumas?)

De manhã, tranquila.

Quando a luz do dia vem
clareando o céu, as coisas e a lembrança.
Olga, de manhã.

(Não estás morta, morta, amiga,
não te levaram num navio, sofrendo?)

Tu, aqui, tranquila:

teu vulto claro de alemã, tão nosso,
tão do Brasil teus olhos bem amados,
translúcidos
e o teu rosto longo e os cabelos finos.

(Não estás morta, morta, amiga,
crime de feras contra flôr tão pura?)

De manhã conosco:

aquela mesma luta antiga
e dura
tão dura às vezes, bem sabes como exige.

Tranquila, conosco:

muita coisa, Olga, foi mudando
depois daqueles tempos: num campo
de suplicios tua filha nascendo: não, não esquecemos:
Estado-Novo e os crimes do fascismo
e teu corpo de bravura resistindo:

mas a luta é cada vez mais uma só:

lembras da Alemanha em tua juventude
de sonho e combate? Um lado de sombra ainda,
de luz, outro lado: tudo será luz
una, de alegria
que da barra do Oriente vem ralando,
da Rússia vem como de um sol a pino
e de nós, os povos duros,
sugados, na sombra,
duros, combatendo

Prestes. Prestes! Ah!

nunca se viu tanta esperança terrena.

(Não estás morta, morta, amiga,
de tantas dores com que te mataram?)

Chegas de manhã, tranquila.

II

Também tu: de crespa cabeleira
viva
de onde vens morena de manhã?

— Pelas costas. Me mataram pelas
costas. Covardia. Pois se mata
assim um ser humano?

Ah! Zélia. O cão policial
teve foi medo de olhar teus olhos.
Foi no ano de quarenta e nove.
Foi na rua.
No Rio de Janeiro, Capital.

— Meu filho ia nascer:
mundo mais humano, o que eu queria.

Tão simples. Assim teu sonho era,
o nosso, de fartura e paz.
Será feito pela mão dos pobres

(pobres não eram tuas mãos
de mulher irmã das mãos do negro
do camponês e do trabalhador?)

Pela mão dos pobres
que têm fome e sede de justiça
na terra.

III

Flôr de tristeza, vagarosa, Dade,
foi assim que te vi no campo, um dia.

Tu vens chegando, tua fala, lenta:
— não sou de natural assim tão triste
mas labutei demais e me acabou.
Treze homens levaram teu caixão
por cinco léguas de caminho ingrato.
Flôr de existência malograda, flôr

(não conseguiste nem as miudezas
de teu desejo: ah! era de uma volta
de ouro, como gostavas! E um vestido
de seda verdadeira. Ouço teu riso,
risada ruidosa, da garganta.)

Treze homens levaram teu caixão.
— Morreu de que? — perguntaram. A doença
já encontrou teu corpo consumido:
onze filhos, pobreza mais a roça
mais água e lenha e casa de farinha.
Morreste sem remédio como um bicho
desconhecia o poder das letras,
da medicina e da luz elétrica.
Nenhum relógio marcou teu passamento.
Treze homens levaram teu caixão.
Flôr de tristeza, vagarosa, Dade,
foi de morte matada que morreste
e bem sabias. O crime não tem data:
morte lenta, geral, antiga, fria:
o latifúndio acabou contigo.
— Não sou de natural assim tão triste.

Tu vens chegando, tua fala, lenta
é de esperança flôr recuperada.

IV

Na frente.

Na frente maduros.

Caminhando na frente maduros.

Era o dia Primeiro de Maio.

Na frente.

No Rio Grande cidade do sul

De repente.

De repente atiraram.

— (Onde estamos?
— Foi da sombra. Atiraram.
— A polícia? Da sombra? Covardes!)

De repente.

De metralha e fuzil.

(— Mas quem foi que mandou atirar?
— Foi da sombra. Estrangeiros do dollar.)

Atiraram. Mataram.

Operários sem armas, mataram.

(— Ah! governo sem lei nem vergonha!)

Foi assim, Angelina, mataram.
Quatro mortos. Maduros.
Caminhando na frente maduros.
Levantando a bandeira, Angelina.
Era o dia da classe operária.
Na frente.
Protetora da pátria: Angelina.
Foi no ano feroz de cinquenta
Foi no ano feroz do fascismo.
Era o dia Primeiro de Maio.
No mundo.
No Rio Grande cidade do sul.

A PAZ ERA NOSSO SONHO COMUM

JOÃO PALMA NETTO

Bem no alto, do cocuruto da serra mais alta da ilha de Trinidad, vê-se o madeirame flutuante da Seccion Base, uma grande mão espalmada, dedos alongados, entreabertos, em torno dos quais se apertam, como limalha de ferro em imã, uma, duas centenas de caças-submarino.

No correr do dia, como se imantado pelo alongamento oposto, uma fileira fende-se, e dentre ela, largando amarração, desprende-se dois caças, mais dois adiante, dois mais além.

É mais uma escolta para segurança de mais um comboio. Adiante, na saída da barra, onde o oceano borbulha nas crateras do lagedo, vai o séquito dos navios mercantes enfileirados, morosos, timidamente saindo do ancoradouro.

Se alçarmos a vista para além dos derredores, pontículos escuros no horizonte se aproximam cada vez maiores, cada vez mais velozes. É um comboio a mais, que vem chegando, rápido, para cruzar a barra.

É o espetáculo diário na baía de Port of Spain, o ponto de maior concentração marítima do mundo durante esta guerra.

Localizada no Mar das Antilhas, todo o tráfego marítimo entre os hemisférios Norte e Sul, e as regiões ocidentais européias e africanas, faz escala em Trinidad.

A topografia da ilha presta-se magnificamente ao mistér. de gigantesca base naval e ancoradouro seguro à navegação pacífica.

Após o cruzamento de uma emboadura entre lagedos, penetra-se na baía, toda reentrâncias e saliências, nas dobras das quais foram localiza-

das as diversas bases navais. E a segurança é completa.

Diariamente, grandes e pequenos comboios, vindos de todos os rumos do Atlântico, embocam na baía, e outros tantos deixam-na, no afã de sustentar as relações comerciais de duas vintenas de nações e suprir as suas necessidades estratégicas.

Era evidente que tal concentração naval, em tão estratégica base de abastecimento mundial, haveria de atrair a guerra ao seu bojo. E em derredor de Trinidad onde se desenvolve a mais cruenta e prolongada batalha naval do mundo. O nazismo despachou para os mares das Antilhas e Caráibas a totalidade, podemos dizer, do seu poderio submarino. Circundou Trinidad, Tobaco e outras ilhas do arquipélago, com um cinturão de aço submerso, traiçoeiro, pronto a golpear sempre, e em cheio, as formações maciças dos comboios pacíficos.

A ilha está preparada para suprir a função de centro das rotas todas do Atlântico, retalhada por estradas, fendida por fortalezas, encrustrada de enormes depósitos de combustíveis e comestíveis.

Meia dúzia de bases navais escondem nas suas entranhas, permanentemente, algumas centenas de navios mercantes e de guerra.

Dezenas de blimps cruzam o céu no seu voejar lento e perscrutador, caças-submarinos e caças-minas fazem a varredura constante dos derredores da saída de Trinidad. Uma vigilância continuada, extenuante, modorrenta e cansativa, em que nada se vislumbra, para de súbito ter-se a surpresa de

mais alguns afundamentos; é o normal por essas paragens.

Seiscentos navios mercantes abarrotados já foram postos a pique nas proximidades da entrada da baía. Seiscentos navios, que a vigilância de marinheiros das mais diversas nacionalidades não conseguiu levar incólumes aos portos de destino.

* * *

Nas extensões de madeira flutuante, parecendo uma delta, duas centenas de caças-submarinos apertam-se pelos bordos. Adiante, montando aquele outeiro, está a base dos destróieres, mais além, cruzadores e porta-aviões, e lá para o fundo da baía, a cidade de navios mercantes, — vasta extensão de mar recoberta de navios.

A gente consegue ter uma visão panorâmica do trabalho humano e da destruição que o nazismo lavra sobre o trabalho dos homens. Aquele mundão de navios, parados, representa o trabalho de milhões de homens, guardam o fruto de milhares de atividades. Nos bojos semi-imersos, atacados de mercadorias, está a força da humanidade industrializada. E a traição, lá fora, ronda para destruir o produto do esforço e do suor dos homens explorados, que tudo produzem sobre a terra e nada têm de seu.

Imagine-se, seiscentos navios afundados!

A estupidez humana foge ao cálculo da concepção exata que esse número significa. Só quem viu uma concentração de cem navios, pelo menos, pode calcular a extensão do crime que está no cemitério de seiscentos navios afundados!

A PROFESSORA

CRÔNICA DE
ARIOVALDO MATOS

Fôra uma colegial alegre, preocupada com os segredos da pedagogia, o rodado do vestido, a cor do balon. Os anos passaram depressa, anos da juventude, e chegou a colação de grau. Houve festas, alguns presentes, beijos das amigas, e mamãe avistou, muito feliz:

— Agora é vida nova, nova vida!

Na noite da festa, deitou pensando. Lembrou a oradora da turma, suas palavras: "nossa cruzada varrerá as teias da ignorância. Assim ajudaremos a construir um Brasil melhor". Dormiu contente, sentindo a importância do anel fazendo cócegas nos dedos.

Estudaria mais. Aperfeiçoaria seus conhecimentos. Transformaria a Escola que a tivesse como professora. Os novos métodos, as modernas teses educacionais, os trabalhos de equipe, premiar a virtude ao invés de castigar o erro... Ah! sua classe seria uma novidade! Os meninos não estudariam forçados, com medo da palmatória, que iria para o lixo, como inútil lembrança de velhos tempos. Eles teriam gosto de aprender, porque o fariam brincando. E, mais tarde, quando despon-

tassem os primeiros cabelos brancos, os meninos, sadios e bem preparados, seriam os médicos, os engenheiros, os técnicos do futuro.

"Construiremos um Brasil melhor" — dissera a oradora. Dormiu sorrindo.

* * *

Depois, ficou sizada. Não pensava mais em transformar a classe, em revolucionar a Escola; preocupava-se, unicamente, em acabar logo, vencer as horas, e partir para as aulas particulares. Esqueceu os livros de pedagogia, os testes e os métodos. As monografias sobre a educação na Suécia e na França foram abandonadas atrás do baú.

Para que estudar, para quê?

Os alunos não queriam nada. Doca, o aleijadinho, tão faminto vivia, que meses nas aulas, nem sabia escrever uma carreira do ABC. Ficava horas seguidas na carteira, os olhos mortos, perdidos, alôa. Os outros se entregavam às correrias, a jogar aviõesinhos de papel, e só se acomodavam quando sofriam puxões de orelhas e cascudos de

(Conclue na pág. 20)

O SOL SEM OCASO

(Continuação)

A velhinha não respondeu, limitando-se a sorrir. Depois, se pôs em pé e empreendeu a marcha para baixo, para o vale. Encontrava numerosas flores em seu caminho, porém passava, desdenhando-as. Depois de percorrer todo o vale, foi sentar-se entre uma brenha de espinhos. E a moça, que havia seguido a velha, viu ali talos frescos de uma frágil florinha, resguardada pelo espinheiro.

— Olha, arranca, e toma suas raízes; — lhe disse a velha.

E Gumru começou a tirar, com todo o cuidado, as raízes. Quando seu lenço encheu de raízes castanho escuro, invisíveis avesinhas encheram o vale com seus gorjeios. A velha levantou-se, disposta a empreender o caminho de regresso. Porém Gumru não queria separar-se do vale. Embriagada pelo aroma que nele se desprendia, continuava, olhando-o todo, como se desejasse levar, ao lado das raízes envoltas no lenço, todas as cores do matizado vale, observando-os com seus grandes olhos negros.

— Vamos logo — chamou a velha Isset, tomando-a pela mão — Ameaça tempestade.

Como se acordasse, Gumru ergueu a cabeça e olhou o céu. Sobre as agudas rochas pendia uma nuvem de tormenta, que parecia estender suas asas negras. Gumru fez um rápido movimento e tomou as mãos de sua avó.

As aves calaram-se. Fez-se um silêncio angustioso.

A tempestade as alcançou quando ainda não se tinham resguardado sob uma rocha.

Estremeciam os mantos, uma neblina aquosa ocultava colinas e vales, centilhavam os relâmpagos, e, como flechas douradas, cravavam-se nos cumes dos penhascos.

A tormenta deslizava, com ensurdecido estrondo, vale abaixo. Quando as nuvens se dispersaram por cima da malhada dos pastores, e de novo apareceu o céu azul, Gumru viu um penacho de fumo, e o mostrou a sua avó.

— Sim, são os pastores que acenderam uma fogueira — disse a velha — Vamos nos esquentar e secar nossas roupas...

Sairam do abrigo e caminharam para a malhada. Os pastores se levantaram para ir-lhes ao encontro; logo trouxeram duas grandes pedras e sentaram as hóspedes onde o vento não levava faíscas.

— De onde vens, avó Isset? — perguntou um velho pastor, olhando acolhedoramente a velha.

— Do vale da herba boa — respondeu, aproximando-se mais do fogo — Fomos buscar raízes para fígir.

O velho pastor acendeu seu cachimbo na fogueira, e deu um sorriso:

— Ensinas a neta o segredo das tintas! Vai a mocinha tecer o tapiz (1) nupcial?

A velha permaneceu um instante em silêncio, e olhando Gumru, algumas vezes ruborizada pela fogueira, outras pela turbacão, disse, com orgulho:

— Não, quer empregar estas tintas para tecer o retrato do pai.

— Do pai? — perguntou o pastor, olhando, surpreendido, a velha — Porém se o finado passou toda a sua vida comigo nestas montanhas! Faz tempo que morreu, a mocinha não o recorda, e um retrato que conserva seus traços ninguém conhece.

— Não me compreendestes, velho — respondeu, sorrindo, a avó — Gumru quer tecer o retrato do que é hoje pai de todos os povos.

A velha calou. Imediatamente, o nome de LENIN se escapou do coração das pastoras. Todos eles, como um só, voltaram a cabeça, e em respeitoso silêncio olharam Gumru, e ela abaixou a cabeça.

O velho pastor deu um profundo suspiro, e rompeu o silêncio antes que os outros:

— Tece, mocinha, tece — lhe disse — Que tenhas sorte. Faz um retrato de quem nem a neve, nem a chuva, nem a tormenta, retire um só traço do desenho. — E o velho acrescentou, com tristeza: — Este ano trouxemos seu retrato para as montanhas. Porém a tormenta desfez nossas choças de feltro, arrasou tudo que nelas havia, e converteu seu retrato num pedaço de papel enrugado. E até o fim do verão ficamos nesta montanha órfãos... sem o seu retrato.

O velho calou. Gumru, erguendo o rosto, olhou os pastores, viu seus olhos tristes, e ficou pensativa.

Confortada pelo calor da fogueira, a velha Isset se levantou. Um jovem pastor foi acompanhá-las até a descida. Quando se despedia, Gumru, que durante o caminho ia em silêncio, pensativa, voltou-se:

— Vózinha, quando meu tapiz estiver pronto, eu o darei a nossos pastores, para que não fiquem outra vez órfãos nas montanhas, sem o seu retrato.

O jovem pastor ficou imóvel, sem saber o que responder. Estreitou, com ambas as mãos, a mãozinha de Gumru e começou a correr para seus camaradas — ia comunicá-lhes, quanto antes, a grande promessa da moça.

A velha, Isset coseu as raízes, tingiu os fios de diferentes cores. E uma manhã, ao despertar, Gumru viu seu tear adornado com novelos de fios, grandes e pequenos, de diversas cores. Imediatamente começou a trabalhar. Ante sua vista surgia a visão das flores, com os quais havia se deleitado no vale da herba boa, e desenhos indeléveis começaram a surgir de seus dedos.

* * *

Chegou o inverno. Montanhas e vales ficaram cobertos de neve. Porém, aquela primavera florescia ante o olhar de Gumru, e em seu desenho cada dia apareciam novas cores, refulgiam novos tons.

Também seus sonhos eram de cores diferentes e falavam de novas combinações de matizes.

Porém, no dia em que terminou o desenho do seu tapiz, e quando a terra jazia sob a capa da neve de janeiro, aquele dia branco, invernal, uma negra notícia abateu-se, com suas asas sinistras, na janela de Gumru.

A moça comoveu-se, e deu um salto. Avistou pela janela a rua da vila coberta de neve, e viu as bandeiras vermelhas a meio pau, e cingidas por uma cinta negra. Afastou-se da janela e sentou-se em frente do tear. Suas mãos ficaram imóveis sobre os desenhos do tapiz. A respiração ficou difícil. Olhou o retrato, e, não podendo conter-se, reclinou sua cabeça sobre o tapiz, soluçando com amargura.

Quando a moça levantou a cabeça, o sol do inverno brilhava atrás das montanhas; sombras negras desciam sobre os vales brancos... Instantaneamente enegreceram e se apagaram dos seus olhos as flores do vale na primavera.

A vida de trabalho não havia dobrado a velha Isset, porém, sob o peso dessa notícia, curvou-se, abatida. Olhou o retrato, tecido no tapiz, a neta, petrificada de dor, o negro ourelado das bandeiras vermelhas, tomou fios brancos, e, saindo como em sonho, os tingiu com a primeira tinta negra que encontrou. Depois, entregou a neta a negra madeixa.

E Gumru orlou com esses fios negros o tapiz, tecendo com eles sua própria dor.

No dia seguinte, chegaram os pastores com bandeiras de luto. Em silêncio profundo e doloroso, se detiveram em frente da janela de Gumru. Ela os convidou a entrar. Os pastores levantaram sobre os ombros o tapiz, e, pausadamente, voltaram a marchar.

Passou aquele negro inverno.

De novo chegou a primavera. Outra vez os pastores levaram os rebanhos às montanhas. E para lá, aos afastados campos, levaram o tapiz tecido pelas mãos de Gumru.

Mas Gumru não encontrava socego. A negra grinalda oprimia seu coração.

Certa noite, um terrível estrondo despertou Gumru. Era o rugido de furiosa tormenta que açoitava as montanhas, e vales... E toda a noite passou Gumru sem cerrar os olhos, esperando o amanhecer. Muito cedo, despertou a avó:

— Levanta-te, vózinha. Vamos as montanhas. Quero ver o tapiz.

A velha levantou-se, submissa, vestiu-se e marchou. Em silêncio, subiram a conhecida senda. Como em um sonho, passaram pelas veredas estreitas, cheias de amapolas. Quando chegaram a malhada dos pastores, o sol já estava alto. A noite de luta com a terrível tormenta ficara atrás, e os pastores reconstruíam suas choças, abriam valados ao redor delas. Ao verem Gumru e a avó, fizeram alto no trabalho, e saíram alegres ao seu encontro.

(1) — Pano tecido a seda, representando quadros históricos, paisagens, etc.

(Conclue na pág. 20)

AS RESOLUÇÕES DO II CONGRESSO BRASILEIRO DOS PARTIDÁRIOS DA PAZ

O II Congresso Brasileiro pela Paz, reunido em São Paulo, aprovou por aclamação as seguintes resoluções:

“Os partidários da Paz de todo o Brasil, congregados num movimento nacional e reunidos no II Congresso Brasileiro pela Paz, realizado na capital do Estado de São Paulo, de 21 a 23 de outubro de 1950, com a presença de 848 delegados de 15 Estados da Federação, de entidades e associações, de personalidades de destaque nas artes, nas letras e nas ciências, e na presença do povo paulista, tendo em vista o histórico apêlo de convocação do II Congresso Mundial dos Partidários da Paz e depois de considerar as teses, moções, propostas e indicações apresentadas a este II Congresso, como resultado dos amplos debates e das orações proferidas, refletindo ainda um anseio de paz do povo brasileiro já manifestado através de mais de três milhões de assinaturas ao Apêlo de Estocolmo, adotaram por unanimidade as seguintes resoluções:

1 — Apoiar o apêlo de convocação do II Congresso Mundial dos Partidários da Paz e nesse sentido intensificar o apêlo ao Apêlo de Estocolmo, instituindo uma Quinzena Nacional para cumprimento da quota do Brasil, de 4 milhões de assinaturas, antes da instalação do II Congresso Mundial dos Partidários da Paz.

2 — Ampliar ainda mais o esforço de todos os partidários da Paz, com o objetivo de evitar a generalização da guerra ou fazer frustrar os planos dos belicistas, exigindo junto ao Conselho de Segurança da ONU a solução pacífica da guerra na Coreia, mediante audiência das duas partes em causa; proibir o uso das armas atômicas e promover a revisão dos armamentos de qualquer espécie com o necessário controle dessas medidas; fazer cessar imediatamente a propaganda de guerra em todas as suas formas e promover a punição de todos os que fomentam essa propaganda; difundir o respeito à Carta das Nações Unidas exigindo a aplicação dos seus princípios fundamentais como instrumento que visa a concórdia entre os povos e a solução pacífica de suas divergências; denunciar a agressão onde quer que ela se manifeste, considerando a intervenção armada de potências estrangeiras nos negócios internos de qualquer país.

3 — Protestar junto a Organização das Nações Unidas contra a prática de bombardeios indiscriminados da população civil coreana, prática essa que constitui crime de lesa-humanidade e atentado ao direito das gentes.

4 — Reclamar do governo brasileiro e de sua delegação junto à ONU uma orientação de exclusiva defesa da causa da paz, de acordo com os interesses e sentimentos do povo brasileiro e de toda a humanidade; levar ao governo federal e

aos governos estaduais os protestos veementes dos partidários da Paz por motivo de todos os crimes, violências e retrições praticadas contra os defensores dessa nobre causa; fazer sentir ao governo federal e apoiar a mais ativa oposição do povo brasileiro contra a remessa de tropas para a guerra na Coreia e contra a concessão de recursos para o prosseguimento desse conflito; defender os direitos e as liberdades públicas, especialmente as de reunião e de imprensa, como melhor meio de assegurar a paz ao nosso povo.

5 — Conclamar os patriotas sem distinção de suas convicções políticas, religiosas ou filosóficas, e redobrar a defesa dos minérios radio-ativos e demais recursos naturais como alta contribuição para o progresso do Brasil e a preservação da paz entre as nações.

6 — Homenagear e reverenciar a memória de todos os patriotas imolados na defesa da causa da paz e prestar calorosa solidariedade a todos os defensores da causa da paz que sofrem as perseguições e constrangimentos em suas liberdades por motivo de suas patrióticas atividades pacíficas.

7 — Atribuir à nova direção do movimento nacional dos partidários da paz a aplicação de todas as medidas e recomendações do Congresso, para que se faça maior ampliação da campanha, para a criação de novos órgãos de defesa da paz e melhor difusão e ampla coleta de fundos necessários à execução de todo o seu programa.

Com estas medidas, os partidários da paz, componentes do povo brasileiro, estão convencidos que atenderam ao apêlo de convocação do II Congresso Mundial dos Partidários da Paz, apoiando a imensa força que já representa a grande união

Solidariedade a Astrogildo Pereira

A ordem de prisão preventiva para Luiz Carlos Prestes, e seus companheiros de direção do Partido Comunista do

Brasil — ordem fascista, e medida de guerra — colocou em perigo a vida e a liberdade do escritor ASTROGILDO PEREIRA. O ensaísta de “Interpretações”, estudioso de nossa História, o melhor intérprete da obra de Machado de Assis e de Lima Barreto, encontra-se, assim, atualmente, perseguido pela polícia da tirania Dutra.



A perseguição ao escritor e patriota Astrogildo Pereira é um triste aspecto da situação interna do país. Enquanto realizam-se farsas eleitorais, são metralhados populares, aumenta a miséria no Brasil, e a tirania acelera os seus planos de guerra — não é de espantar a ordem de prisão preventiva para um escritor fiel ao seu povo, como é Astrogildo Pereira. Seguem as classes dominantes do Brasil, por intermédio de seu Governo, a mesma política de ódio à cultura, aos escritores, artistas e intelectuais, característica da burguesia no mundo inteiro. Não se encontra nas masmorras de Mr. Truman o grande romancista americano Howard Fast? O governo marshalizado de França não persegue ao poeta Louis Aragon? Há pouco, com a solidariedade dos povos, não foi arrancado da prisão o poeta nacional da Turquia, Nazim Hikmet? Ao Brasil está proibido de voltar o romancista Jorge Amado, e agora Astrogildo Pereira está sendo caçado pelas polícias de Dutra, Truman e Atlee.

Deve erguer-se a solidariedade dos escritores e intelectuais ao autor de “Interpretações”. Em Astrogildo Pereira está sendo perseguida a cultura democrática e popular do Brasil!

em torno do Apêlo de Estocolmo, união que não ha de parar um só instante de crescer com os passos que a cada momento serão dados, com o alto objetivo de dar aos povos a paz duradoura a que aspiram e que não será imposta pela força das armas, mas, ao contrário, será conquistada pela ação coordenada e massiva de todos os homens e mulheres de boa vontade, capazes de fazer triunfar a razão e a justiça”.

A PROPOSITO DA RESPOSTA DO SENHOR PRISTLEY

KONSTANTIN SIMONOV

Em carta aberta aos escritores do Ocidente, o escritor soviético Ilya Ehrenburg conclamou-os a incorporar-se ao exército dos partidários da Paz. Ehrenburg dirigiu-se àqueles escritores do Ocidente que, embora não se tenham manchado com sua permanência no campo dos provocadores de guerra, não elevaram sua voz em defesa da Paz, e, sobretudo, não haviam aderido às duas simples e inequívocas exigências formuladas em Estocolmo — proibição da arma atômica, estabelecimento de rigoroso controle internacional da execução desta medida, e considerar criminoso de guerra o governo que primeiro utilizar a bomba atômica contra qualquer país — exigências estas sob as quais hoje assinam milhares e milhares de homens de boa vontade no mundo.

O escritor inglês Pristley respondeu a mensagem de Ehrenburg com uma "Carta Aberta a um colega russo", publicada no semanário "News Statesman and Nation". Desta carta, extensa e hipócrita na forma e sumamente clara no conteúdo, se deduz a simples verdade de que Pristley já não pertence aos que ainda não se manifestaram com relação à luta pela Paz. Agora, Pristley passou-se abertamente para o campo dos promotores de guerra, depois de haver fingido, durante muito tempo, que a ele, como escritor, não eram estranhos os interesses dos homens simples.

Foi bom que Pristley tivesse escrito esta carta. Quando as idéias progressistas e democráticas de que alardeiam um escritor resultam numa máscara, que encobre o rosto de um servidor dos incendiários de guerra, é bom que esta máscara, em um acesso de irritação, seja arrancada imprudentemente por suas próprias mãos. Isto é bom, porque um inimigo declarado da paz é menos perigoso que um inimigo disfarçado.

Dez escritores ingleses — Sean O'Cassy, Montague Slater, John Sommerfield, Randall Swingler, Sylvia Warner, James Aldridge, Arthur Calder Marshall, Paul Capone, Jack Lindsey, Iris Morley — recentemente contestaram Pristley em carta publicada no mesmo semanário. Esta carta foi subscrita por homens de distintas convicções políticas, porém agrupados por um anseio comum de lutar pela Paz, e pela compreensão comum de que a carta de Pristley, logo aproveitada pela imprensa dos provocadores de guerra, é uma tentativa clara de Pristley de causar dano, na medida de suas forças, à grande causa da luta pela Paz.

A carta de Pristley não merece grande polêmica. Na carta de Pristley ha três pontos que chamam a atenção. O primeiro ponto se refere à atitude do senhor Pristley em relação ao centro da questão: está disposto Pristley, independentemente de suas convicções políticas, e de seu credo religioso, a lutar pela paz, e, em consequência, a subscrever o Apêlo de Estocolmo, ou não está disposto a fazê-lo? Precisamente com relação a este ponto, também os escritores ingleses perguntaram a Pristley: "Deve entender-se que Pristley se nega a sustentar as ações necessárias dos povos, desejosos de convencer seus governos da necessidade de olhar com um novo critério este problema? (O problema da defesa da paz — K. S.) Se atreverá ele, se atreverá alguém a negar isto?"

A julgar pela carta do senhor Pristley, e por sua resposta aos dez escritores ingleses, já publicada na Inglaterra, o primeiro ponto está claro. Sim, o senhor Pristley se atreve a pronunciar-se contra a paz. Talvez a palavra "atrever-se" não se enquadre no senhor Pristley. Para pronunciar-se contra os defensores da paz, na Inglaterra, onde o espírito de Churchill, "incendiário de guerra n. 1", flutua sobre a política exterior e interna, o senhor Pristley não necessitou nenhum atrevimento; e, se teve algum, foi o atrevimento laico de proclamar-se, à luz do dia, criado dos incendiários de guerra, e, sob a proteção de suas costas largas, atrever-se a dar língua a todos os homens honrados. Para falar da verdadeira audácia, na Inglaterra a necessitam os homens que se pronunciam pela paz. E — para terminar — em vão o senhor Pristley convida, hipocritamente, a Ehrenburg, em sua carta, a ir a Inglaterra e observar a realidade inglesa. Ehrenburg não está agora na Inglaterra. Porém eu estive ali faz alguns meses, e pude acreditar, uma vez mais, que a polícia inglesa arranca dos muros do Parlamento os cartazes com a palavra "PAZ", ao que parece plenamente de acordo com as opiniões do senhor Pristley, que, em côro com os po-

liciais britânicos, acha que a palavra "paz" deve ser banida com o rigor das leis promulgadas pelos incendiários de nova guerra.

O segundo ponto se refere à atitude do senhor Pristley com relação a si mesmo e a sua própria atividade. Acontece que o senhor Pristley está muito ofendido porque consagrou-se dois anos a UNESCO, estudando prometedores problemas teatrais de caráter internacional, e os russos não tomaram parte em sua solução. Por este motivo, o senhor Pristley, ofendido com tão flagrante desatenção, não quer, agora, examinar os problemas da defesa da paz com os russos. Vejam vocês: o senhor Pristley nega hoje sua colaboração a esses russos mal educados, e, com eles, a dezenas e centenas de milhares de homens que lutam pela paz em todo o mundo.

Pelo visto, este pequeno burguês vaidoso perdeu os últimos restos do sentido de humor.

O terceiro ponto são as costumeiras calúnias soviéticas. Carece sentido deter-se nelas. E, por fim, a última observação. O senhor Pristley intitulou em vão sua misévia de "carta a um colega russo". Um defensor da paz e um inimigo da paz não são colegas. São adversários.



*Pequena Biblioteca
do Operário*

K. MARX E. F. ENGELS
Manifesto do Partido Comunista
J. STALIN
História do Partido Comunista
(b) da U. R. S. S.
O Marxismo e o Problema Nacional e Colonial
V. I. LENIN
O Socialismo e a Guerra
A Doença Infantil do Esquerdismo no Comunismo
J. STALIN E V. I. LENIN
Lenin, Stalin e a Paz
F. ENGELS
Princípios do Comunismo
PREÇO: 25,00
LIVRARIA POPULAR
Praça Municipal, 2

ENERGIA NUCLEAR PARA UM MUNDO MELHOR

RAMAKRISHNA BAGAVAN DOS SANTOS

Dias após ao lançamento da quarta bomba atômica em Bikini, Albert Einstein, em artigo intitulado "MINHA RESPOSTA AO TERROR ATÔMICO" escreveu: "A América conta com a superioridade temporária deste armamento. É certo, porém, que o segredo não lhe pertencerá eternamente. Aquilo que a natureza revela a um grupo de homens, revelará, oportunamente, a outro grupo que tenha o mesmo interesse e a mesma paciência para efetuar pesquisas".

As palavras sensatas do grande mestre de Princetown, tiveram sua confirmação em 1947, quando o delegado da URSS na Assembléia das Nações Unidas declarou que o segredo atômico deixara de existir. Dois anos mais tarde, em 1949, Truman anunciou ao povo americano que a URSS fizera explodir bombas atômicas na Ásia Central, sendo prova disto os gráficos obtidos, pelos sismógrafos da Índia e Alemanha Ocidental, dos abalos da crosta terrestre ocasionados pela explosão. As curvas destes gráficos diferem, em aspecto, das comumente obtidas quando são registrados terremotos. Sabe-se, agora, com certeza, que tais explosões foram realizadas com o fim de destruir montanhas de rochas que obstavam o desvio para o sul dos cursos dos rios Obi e Ienissei, naquela região; desvio necessário à execução dos trabalhos do grande plano DAVIDOW de valorização da Ásia Central.

Informa, agora, a revista "NOVOS TEMPOS", em seu suplemento ao número de setembro p. passado, publicado em francês, sobre os planos de construção, não só de novas centrais hidro-elétricas no território soviético, como, também, de novos canais para irrigação e consequente fertilização de áreas daquela região. Serão construídas duas centrais elétricas: uma em Kuibichev e outra em Stalingrado, ambas sobre o rio Volga; outra em Kakhovka sobre o Dnieper. Os canais a serem construídos na Ucrânia meridional e na Criméia do norte, se bem que possuam dimensões avantajadas, serão pequenos ante a grandiosidade do Grande Canal da Turcomenia.

Após a leitura do projeto de construção do Grande Canal da Turcomenia, e, de uma rápida vista sobre o mapa geográfico do relevo desta região, parece-nos que sua execução só realmente é possível porque estamos em uma Nova Etapa de evolução mundial, iniciada com a vitória do Homem sobre as forças de coesão interna do Átomo.

O Grande Canal da Turcomenia será construído nos territórios das repúblicas Kara-Kalpak e Turcomenia, encravadas entre os contrafortes das montanhas do Cáucaso, ao sul, e das bacias do mar interno do Cáspio e do lago Aral, ao norte. Partindo de Tachikent sobre o rio Amu-Daria, o Grande Canal contornará a depressão de Sari Kamich (situada a uma dezena de metros abaixo do nível do mar), atravessará o deserto de Kara-Kum, sobre o leito antigo do rio Uzboi, em direção das planícies áridas do Cáspio, indo atingir a cidade de Krasnovodsk, perfazendo um curso de 1.100 quilômetros desde o seu ponto inicial. Sua construção permitirá a irrigação de 1.300.000 hectares de novas terras para a agricultura, desenvolvendo-se assim ainda mais, as

HOMENAGEM A ARTHUR DE SALLES

Com o patrocínio da "Associação Brasileira de Escritores", secção da Bahia, os intelectuais, escritores bahianos, vão homenagear o poeta Arthur de Salles em ato público, ainda este mês. Será uma homenagem à cultura bahiana, na pessoa de Arthur de Salles, poeta do belo, do bom, cantor do amor, da fraternidade, dos altos sentimentos humanos. Será homenagem ao artista da primorosa tradução do "Macbeth", de Shakespeare, e ao ex-presidente da A. B. D. E., que, certa vez, definindo-se, disse viver da "alegria das idéias jovens".

No ato de homenagem a Arthur de Salles declamarão poetas bahianos.

culturas de algodão, de fumo e de frutas, que são os produtos característicos da região. No deserto de Kara-Kum, 7.000.000 de hectares de solo esteril serão fertilizados, transformando-se em novas pastagens, graças a 1.200 quilômetros de canais secundários que, partindo do Grande Canal, irão levar a vida às entranhas do deserto. Além destes canais secundários, 1.000 quilômetros de condutos de água serão construídos, destinados a assegurar a alimentação de água às localidades da região e às empresas industriais, nela instaladas. Como fontes de energia para as empresas industriais mencionadas, serão construídas nas proximidades de três barragens, situadas em pontos diferentes do Canal, três centrais hidro-elétricas, com capacidade total de 100.000 kw. Vemos assim que na construção do Grande Canal, que visa sobretudo o incremento da produção agrícola, não foram descuidadas as possibilidades industriais da região.

Os trabalhos preparatórios para a execução do plano dessas construções serão terminados em 1951, e a fase final de construção das barragens está prevista para 1957. Verifica-se assim, que esta obra gigantesca estará completa dentro de seis anos, tempo realmente curto para realização tão vasta!

Caso a energia nuclear venha a ser empregada na modificação da topografia da região onde será construído o Grande Canal, como se presume, ter-se-á ultrapassado mais uma etapa na luta do Homem versus a natureza, procurando aquele transformar esta para erigir um mundo mais rico em possibilidades de bem estar para milhões de seres.

Naturalmente, empreendimentos tão grandiosos são possíveis somente nos países que se orientam por uma política de Paz. É preciso que seja afastada a

ameaça de uma outra guerra, conquistada a vitória dos que lutam pela Paz, para que possam as pesquisas científicas, nas nações grandes e pequenas, serem dirigidas no sentido de aproveitar a energia nuclear para construir, com a colaboração de todos que acreditam em um mundo melhor, — um mundo só.

Há muito ouvimos falar de um plano de engenheiros brasileiros para que fossem dinamitados certos trechos da Serra de Borborema, no nordeste do nosso país, justamente ao sul do "bec" que aí forma o litoral, com o fim de permitir às correntes aéreas, que são desviadas por aquelas montanhas, o acesso ao interior, onde cairiam em chuva sobre a caatinga ressequida. Tal plano, considerado tá três décadas mais ou menos atrás, como uma concepção demasiadamente arrojada, de sonhadores, poderá concretizar-se amanhã numa realidade grandiosa. É de esperar que essa pleidade de pesquisadores como Mário Shenberg, Leite Lopes e Cesar Lattes, que honram a nossa cultura científica e integram o "Centro Nacional de Pesquisas Nucleares", venham, em futuro próximo, dotar o Brasil dos meios de tornar sonhos como aquele em realidade, possibilitando, com as conquistas da Ciência, a transformação da Caatinga em Eldorado, dos flagelados do nordeste em cidadãos de um Brasil maior.

São perspectivas mais amplas, horizontes mais vastos, abertos aos olhos de milhares de homens, por realidades como essas, que reforçam a luta para prescrever as armas atômicas — armas de destruição, de morte, de terror — transformando-as em ferramentas de construção de um mundo mais produtivo, mais vivo porque mais fértil, sem angústias, sem miséria, sem terror. Lutar pela paz é lutar pela vida, por um porvir melhor.

A Liberdade de Criação Artística

(CONCLUSÃO)

cadência e a degeneração, ou a revolução, a luta pela transformação da vida, do mundo.

As hipócritas cavalações burguesas sobre a "liberdade de criação artística" dirigem-se, porém, a caluniar e deturpar a tese leninista da literatura de Partido, de que não existe literatura sem partido: ou a literatura é parte integrante da luta do Partido da classe operária, ou estaciona no charco do Partido burguês. Mais particularmente, estas cavalações dirigem-se contra a literatura soviética. Segundo os "independentes" escritores burgueses, na União Soviética não há "liberdade de criação artística". Porém, a literatura soviética, — que não nega ser literatura de Partido — é, hoje, a mais progressista do mundo. Um de seus traços característicos é a dignificação do Homem. Une-se, nesta literatura, o ideal com a realidade; nela, a realidade presente tem as sementes da realidade futura, do futuro que os romances soviéticos mostram pertencer aos que lutam pelas grandes idéias do humanismo e da justiça social. Assim, guiada pelo Partido da classe operária, a literatura soviética orienta-se para a educação dos homens nos grandes ideais e nas grandes idéias.

Qual, portanto, a real liberdade de criação artística: a dos escritores cuja arte se dirige à luta pelo socialismo, ao extermínio da exploração do Homem pelo Homem, e que, assim, tem amplo espaço para a imaginação, o sonho do futuro, e a iniciativa pessoal; ou será a dos burgueses, orientada como comércio e trata-

da como mercadoria? A literatura soviética demonstra, também neste particular, a superioridade do socialismo sobre o capitalismo; demonstra, também neste particular, que a literatura dirigida pelo Partido da classe operária é a que inspira a humanidade nos grandes ideais do humanismo, enquanto a literatura dirigida pelo Partido da burguesia enlameia a humanidade e invade a arte com a podridão.

É evidente, enfim, que não pode existir "liberdade de criação artística" para os escritores burgueses, ou para os escritores que aceitam a ordem burguesa. Não é por acaso que seus livros e suas poesias ser-

vem, claramente, aos interesses dos exploradores e aos seus objetivos criminosos. Para exemplo: além de refletir a casta dominante paulista, a quem serviu o romance "Presença de Anita", com seu erotismo e pornografia? As classes dominantes, à tirania de Dutra.

Aos escritores que se definem pela causa da libertação nacional — o Partido da classe operária oferece amplo território para a livre criação artística. Consiste em fazer uma literatura realmente nova, orientada e dirigida para os grandes ideais da Humanidade. Consiste em educar as grandes massas no caminho revolucionário, na transformação da sociedade — conquista do futuro e do Socialismo. A libertação do Homem, pois.

JOSE' PANCETTI (Conclusão)

tuais e artistas honestos, patriotas que desejam liberdade e não escravidão norte-americana para o Brasil, apoiando a orientação patriótica de Prestes. Participou da campanha eleitoral dos candidatos da "Frente Democrática de Libertação Nacional" na Bahia. Falando em comício, no velho largo do Cruzeiro de São Francisco, o pintor Pancetti declarou que os artistas não podiam separar sua vida e arte da luta de libertação nacional do povo brasileiro.

Grande pintor, é um exemplo para os artistas José Pancetti, ardente combatente da Paz, revolucionário da "Frente Democrática de Libertação Nacional", lutando, ao lado do seu povo, por Paz, pão, terra e liberdade.

A PROFESSORA SOL SEM OCASO

(CONCLUSÃO)

(CONCLUSÃO)

raspão. Pouco aprendidinho. Em casa, ao invés dos deveres que lhes eram dados, entregavam latas d'água, iam fazer compras, perdiam-se nas traquinadas, sem mãe nem pai para vê-los, sem ninguém para cuidá-los. De resto, os pais, tão analfabetos como eles, não sabiam, como não sabem, além da força bruta, da roupa lavada estendida nas margens do Dique, dos pensamentos frios e negros de tristezas.

* * *

A princípio, tentou enfrentar, dentro da Escola, as dificuldades. O ordenado do governo era nínhamaria. Mas, — que fazer? — não era necessário um Brasil maior e mais feliz?

Instituiu. Aplicou métodos modernos de ensino. Enfrentou críticas, dissabores. Durante meses venceu mil e um obstáculos. Tudo à espera de que, compreendendo a sua honrosa luta, o governo viesse dar-lhe meios para prosseguir-la, torná-la vitoriosa.

O governo, as crianças, as velhas colegas, tudo falhou. Ficou sózinha, sofrendo, ouvindo as professoras antigas dizerem, como que debicando: "Teoria é conversa. A prática é que é".

Assim, de colegial alegre, de professorinha ativa, cheia de sonhos, passou a sisudez de mestra rotineira, calcada de desencantos. Ontem era assim.

Hoje, modifica-se. Sente que a culpa não lhe

Gumru se deteve, contemplando com olhos cheios de medo as choças destruídas pela ventania.

— Gumru veio ver o tapiz — disse a velha aos pastores — Quer ver como resistiu à tormenta desta noite.

E os pastores levaram a Gumru e sua avó até a cabana que haviam construído para guardar o tapiz. A tormenta da noite rompera a porta e o teto da choça, e os brilhantes raios do sol matutino caíam diretamente sobre o desenho bordado.

Durante a noite o aguaceiro havia empapado o tapiz, e as maravilhosas cores brilhavam agora como um arco-íris. Milhares de tons despedia à luz dos raios do sol da primavera. Porém, entre os desenhos, chispantes ao sol, ninguém podia ver a orla negra que Gumru havia tecido no dia de luto. A negra tinta havia desaparecido.

— Ah, filha minha! — exclamou o velho pastor, olhando Gumru — Não são para ele os tons negros... Ele é nosso sol sem ocaso.

E nos olhos de Gumru de novo surgiu a visão das flores do vale na primavera.

cabe, nem às colegas, nem às crianças e seus pais. Compreende, agora, que alguma coisa precisa mudar. Taleando, errando e acertando, caminha em busca da estrada certa.

Não tardará encontrá-la. E voltará a sorrir, a sonhar pelos tempos em que a Escola será risosinha e franca, alegre e florida, como nas imaginações da saudosa colegial.

Velha e querida mestra: nós lhe estendemos a mão. Vem pelo nosso caminho.

CONDENAÇÃO DA MORTE ATÔMICA PELA HUMANIDADE PACÍFICA:

Colocando-nos acima dos pontos de vista de cada um a respeito da atual ameaça de extermínio que pesa sobre a humanidade;

Com a consciência que temos das tradições pacifistas do povo brasileiro e seus anseios de justiça e bem estar;

E movidos pelo dever de preservar a vida humana e os valores espirituais, morais e materiais da civilização.

Concitam os brasileiros de boa vontade a subscreverem e conosco apoiarem a seguinte

DECLARAÇÃO

Somos pela proibição da bomba atômica, arma de destruição indiscriminada e massiça de populações.

Reclamamos o controle internacional rigoroso dessa proibição afim de torná-la efetiva.

Condenaremos como criminoso de lesa-humanidade o governo que primeiro utilizar a bomba atômica, não importa contra que país.

Queremos que os responsáveis pelos destinos das nações promovam o entendimento e a coexistência pacífica entre elas, realizando, assim, o ideal de paz de todos os povos.

A Armadilha de Hollywood

(CONCLUSÃO)

Mas a Warner se apressa agora em recuperar o tempo perdido. Um dos chefes da firma, Harry M. Warner, acaba de reunir em Hollywood os seus dois mil empregados para a eles denunciar os perigos de uma "conspiração comunista organizada" e para manifestar o desejo de que "seja votada uma lei decretando que todos os membros das organizações não americanas percam a sua cidadania e sejam imediatamente deportados". Uma lei semelhante a essa já existiu na França. Ela fôra promulgada por Petain, a pedido de Hitler. Ela conduzia suas vítimas ao cadafalso de Chateaubriand ou a forno crematório de Auschwitz.

Por seu lado, mr. Jack Warner, irmão do primeiro, anunciou a produção por sua firma de um novo filme intitulado "I posed a communist for the F.B.I." (Eu passei como comunista por conta do FBI). O produtor declarou: "Nós pretendemos levar este assunto à tela tão cedo quanto possível, com toda a força dramática e um quadro-autêntico (sic) dos perigos que a nação deve enfrentar hoje... Será o maior filme anti-comunista da história americana".

As advertências dos empresários foram ouvidas por alguns empregados. A "Screen Director Guild", organização sindical dos produtores americanos, acaba de pedir a todos os seus membros uma declaração escrita de não-

comunismo e pede aos outros sindicatos de Hollywood que adotem uma medida idêntica...

Essa onda guerreira, mal dissimulada pela cortina de fumaça do anti-comunismo, essa marcha acelerada de Hollywood para o fascismo, alarma um grande número de americanos. E isso de tal modo que reacionários empedernidos como Terry Ramsay, antigo diretor e editorialista do "Motion Picture Herald" não podem silenciar sobre isso. Enquanto se proclama altamente anti-comunista, este jornalista escreve: "Será que vamos proibir aos totalitários (sic) de publicar livros ou colaborar em jornais ou revistas? Será que vamos retirar Karl Marx das livrarias e depurar o comércio de livros? E que será proposto para a pintura, a escultura e a música? O senador Johnston não pode se transformar em polícia de nosso pensamento. É preciso ter confiança em nosso senso cívico".

Esse "protesto" tende de fato a pedir que as medidas tomadas para o cinema se estendam às outras artes e que os padrões dessas profissões se apliquem de motu proprio. Nos próximos meses Hollywood vai intensificar sua campanha desenfreada de preparação para a guerra.

As confissões espontâneas de Mr. Eric Johnston são preciosas. O veneno de Hollywood prepara sabiamente o emprego assassino das armas atômicas para os piores criminosos de guerra. Os filmes de Hollywood são e serão cada vez mais armas de guerra. Os filmes da lista Johnston devem pois ser tratados por aqueles que querem a paz como armas de guerra.

A ARMADILHA DE HOLLYWOOD

GEORGES SADOUL

(Crítico cinematográfico francês)



Cena do filme «Os Melhores Anos de Nossa Vida», corajoso celuloide norte-americano, proibido pelos cineastas atômicos

Há algumas semanas o senador Edwin Johnson, de Denver (Colorado), declarou que Hollywood manifestava "um total desinteresse pela segurança e prosperidade dos Estados Unidos, na sua luta com a Rússia". Isso significa claramente que o honrado senador julgava que o cinema americano não fazia o bastante para preparar uma guerra de agressão contra a União Soviética...

Essa acusação feriu vivamente um quase-homônimo do senador Johnson, mr. Eric Johnston. Mr. Johnston é presidente da M.P.A.A. (Motion Pictures Association of America), que é qualquer coisa como a confederação geral dos patrões do cinema americano.

Este porta-voz dos interesses atomo-cinematográficos dos Rockefeller e dos Morgan protestou contra a afirmação do senador de Denver. Hollywood, segundo ele, prepara bem a guerra contra a URSS, com a mais intensa atividade, como o prova uma lista de dezesseis filmes, "que são todos eles diretamente anti-comunista em seus temas".

Eis a lista anti-vermelha apresentada por mr. Eric Johnston, a lista dos filmes que preparam abertamente a guerra: A Cortina de Ferro, (The Big Lift) (Fox); o Danúbio Vermelho, o Conspirador, Camarada X, e Ninotchka (Metro); "A Mulher do Cais 13" (antigo título "Eu me Casei com um Comunista"); Culpado de Traição (ou: "O Caso Mindzenty), "A Morte de um Sonho, Sofia", "The Jacky Robinson Story", "O Projeto X", "Os Discos Voadores", e o "Terceiro Homem" (Selzibick). Esta lista é incompleta e poderíamos acrescentar a ela muitos outros filmes. Mas é preciso salientar aqui que "O Terceiro Homem" que certos espectadores, amigos da paz, consideraram erradamente como inofensivo, foi colocado por mr. Eric Johnston na mesma categoria que "A Cortina de Ferro" e merece portanto ser tratado como este último filme que os protestos unânimes do público fizeram retirar dos cartazes da França.

Alguns dos filmes da lista Johnston estão ainda em vias de produção. Quase nenhum foi ainda lançado na França, com exceção de "O Terceiro Homem", "A Cortina de Ferro" e "O Conspirador", que apareceu com o nome "A Armadilha". Cabe aos amigos da paz estarem vigilantes. Esta "Armadilha" está destinada a abrir caminho aos outros.

Mr. Eric Johnston acrescenta que Hollywood edita uma infinidade de filmes de propaganda do "modo de vida americano" e que excitam "o furor comunista, se bem que eles não façam menção ao comunismo, mas apenas porque são o esteio da força e das virtudes (sic) de nossa democracia americana". Os filmes que ele dá como exemplo são ainda desconhecidos na França com exceção de "Tripoli", "Bastogne" e "Prisioneiros em Borneu", três filmes que foram buscar seus temas nas guerras passadas que proclamam a necessidade de uma nova e próxima guerra. O "modo de vida americano" é sobretudo um sistema de morte coletiva e de assassinato atômico...

Para coroar a sua "justificação", mr. Eric Johnston exhibe um "diploma" concedido pela "American Legion", que felicitou Hollywood "por sua atividade anti-comunista, pela maneira por que seus filmes servem à política americana no exterior".

Na lista Johnston não figurava nenhum filme da Warner. A grande firma passava por liberal, e sofria ainda de uma outra "lata": Ela havia, antes de 1939, e apesar da oposição dos reacionários, editado vários filmes denunciando Hitler ou o fascismo, tais como "As confissões de um espião Nazi" ou "A Vida de Emile Zola".

(Conclue na 3.ª Capa)